

ASSIGNATURAS  
 ANNO ..... 20\$000  
 SEMESTRE ..... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA 1ª DE MARÇO, 28.

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

As escusas do governador do Rio Grande do Norte, lavando a sua honrada testada e os fundos do seu venerando sogro, da imputação de ter mandado reduzir a cacos, na mesma hora, duas typographias da opposição, produziram o effeito de commover, até ao ridiculo, a opinião, abalada pelo infamissimo acto de vandalismo.

A justificação foi completa, inexpugnável para demonstrar que o governador e seu illustre sogro fôram os primeiros surprehendidos com o desastre, quando despertaram do somno quieto dos bem aventurados, dos que repousam, serenamente, na tranquillidade da consciencia clara, satisfeita pelas virtudes civicas de quem se submete ao sacrificio de governar os seus semelhantes pelas normas dôces, affectuosas de um governo de familia.

Toda a gente percebeu, através do telegrapho, as faiscas de sincera e rubra indignação do governador e do seu illustre sogro, maguados por este attentado, sem precedentes na historia patriarchal daquelle Estado, desde a instituição da dynastia que o felicita.

Mas, não nos disse o governador por que cargas d'agua estavam presentes á destruição das duas typographias, naquella madrugada fatal, os bravos soldados da policia de s. ex., seus officiaes e, para cúmulo de caiporismo, o proprio ajudante de ordens de s. ex.; como fôram parar allí, no lugar do sinistro, aquelles homens fardados, alguns dos quaes fôram feridos por balas assassinas, balas da defeza, como se o destino traídor houvesse apparelhado aquelle meio de marcar os auctores da cobardia e de arriscar, assim, os solidos créditos do governo, tão manso e tão familiar, dando esses meios evidentes de prova á opposição insubordinada

Não nos disse, tambem, o governador se mandou processar aquelles soldados

e officiaes, se demittiu o seu ajudante de ordens, amigos ursos, mais realistas que o rei, imbuidos da supposição de que a gritaria da imprensa perturbava a tranquillidade dos dominadores, ou atrapalhava os seus patrioticos planos politicos. Quem ha de dizer isso, ou esclarecer o caso, é o inquerito que s. ex., num lance de energia, mandou fazer para apurar a responsabilidade dos culpados. E, do pôço desse inquerito, surgirá, numa apothéose luminosa, a verdade, nua e crúa, confirmando a justificação do illustre governador.

Prevemos que o caso se passou assim: Alguns bandidos, inimigos pessoas da imprensa opposicionista, atacaram, simultaneamente, as duas typographias e concluíam a sua brutal destruição, quando a policia, prevenida pelo rumor, chegou, infelizmente, tarde, como acontece a todas as policias do mundo, afugentando os bandidos. A defeza, porém, defrontando os agentes da força publica, os aggreduiu; provocou a repulsa; trocaram-se balas e golpes de chanfalhos, numa confusão diabolica, sobre os destróços das officinas devastadas.

Ahi está o que foi o caso: um tremendo equivoco, onde figuravam, como aggressores, os bravos officiaes, os soldados de policia e o não menos valente ajudante de ordens do governador, vindos, como mensageiros da paz e da ordem, com o fim de defenderem as infelizes typographias da opposição, victimas do seu audacioso desbragamento de linguagem.

O facto coincidiu com o manifesto chamando a opposição a póstos para o alistamento de votantes pela novissima lei, porque aquelles ingenuos acreditam, piamente, nos beneficios da reforma; estão muito convencidos de que a opinião, sopitada, poderá, afinal, manifestar-se e dar combate aos detentores da situação que váe passando, como um morgadío, de paes a filhos.

A essa coincidência se deve accrescentar que as camaras municipaes do interior estão se transformando em *zmvstvos* contra a autocracia dos Maranhões, e promovem uma opposição de famintos, de miseraveis, escapados da ultima secca.

Essa perspectiva não atemorizava o governador, que sabe de cór como se fazem qualificações, como se arranjam eleitores e se rabiscam eleições, apesar das providencias de rigor, das cautelas meticulosas adoptadas pela lei para eradicar dos costumes o vicio de manobras fraudulentas, que reduziram a Republica a uma feitoria dos governadores.

Pelo exposto e pelo mais que constar dos autos do inquerito, ficará fóra de duvida que o governador do Rio Grande do Norte não precisava de se sujar com os destróços de duas typographias para manter, pujante, cheio de prestigio e garantido, *per omnia secula*, o dominio de sua dynastia.

Dentro de pouco tempo, a vassoura do olvido terá passado sobre esse facto, e ninguem se lembrará mais das pobres typographias, que ficaram muito bem quebradas, reduzidas a cacos, tendo sorte digna dos instrumentos de perturbação da ordem publica.

\* \*

A opposição do Rio Grande do Norte teima em não se conformar com a dureza do facto consummado, em não se resignar ao desastre, e envia telegrammas lamentosos, queixando-se de que o governo *lyrial* nenhuma providencia tomou para apurar a responsabilidade dos quebradores de typographias.

Nessa conjuncção, entre duas versões dissidentes, ambas de fonte interessada, a opinião publica deixará esfriar o caso, e a impressão desagradavel, que elle occasionou, se dissipará como tenue fumaça de uma fogueira longinqua, sem deixar, no céu azul, o mais ligeiro vestigio.

Não temos o recurso de procurar informações insuspeitas, como seriam os correspondentes dos jornaes fluminenses, que não abriram o bico de plumitivos telegraphicos.

A ultima manha das dynastias es-tadoaes, para completarem a função de suas machinas politicas, foi a conquista dos correspondentes.

No Ceará, por exemplo, todos os velhos correspondentes dos jornaes do Rio fôram substituidos, como convinha á unidade das informações, e para evitar indiscreções importunas: hoje, o grão duque Josué Accioly accumula ás várias funções que exerce na côrte do *Tzar*, seu pae amantissimo e exemplar, a de correspondente unico de quasi todos os jornaes desta capital.

Não sabemos se o illustre sogro do grão-duque Lyra tomou aquella precaução salutar; a verdade é que, não tendo informações imparciaes, arrolhada, definitivamente, pela destruição, a imprensa local, fallecem bases seguras ao nosso criterio para profligarmos os responsaveis desse crime, que é mais um dejecto de odio, de intolerancia, de prepotencia, maculando as vestes, já cruelmente conspurcadas, da jovem Republica.

POJUCAN.

### Homicidio-suicidio por amor

(EXCERPTO DE UM ESTUDO)

Quer seja encarado do ponto de vista da Psychologia Criminal, quer seja encarado do ponto de vista da Psychologia Morbida—é assumpto interessantissimo o *homicidio-suicidio* por causa amorosa. A litteratura consagrou, formosamente, o factio nos AMANTES DE MONTMORENCY. E nessa manifestação, como nas outras, o Amor se repete — (*por isso que é eterno*, explica Gabriel Tarde). A chronica das gazetas e a chronica dos tribunaes registam, todos os annos, casos semelhantes, em que se realisa o estranho hymineu do Amor com a Morte, dando razão a Leopardi, quando poetava:

—Fratelli a un tempo, Amore e Morte  
—Ingenerò la sorte.

E' curiosa a approximação dos poetas e dos mais sisudos philosophos e juristas, que fallam, a tal respeito, a mesma linguagem, como si tivéssem apprendido, na dura escola da vida, a amar e a soffrer!... Longe, bem longe,

da invenção poetica de Alfredo de Vigny, estava o provento magistrado Berard de Glajeux, quando via saír das entranhas da humanidade uma sêde de expansão e de extincção, uma febre devorante e destruidora, causadora de homicidios e suicidios.

Reconhece o juiz francez que, subjugado pelo Amor, o homem não tem repouso nem socego, cedendo todos os sentimentos áquelle dominador absoluto, que é como a chamma, que tudo destrôe. Dada a contrariedade—continua elle—não podendo haver plena satisfação do desejo amoroso, chega o momento fatal em que o apaixonado prefere morrer; por estranha enfermidade da imaginação, aquillo que a Natureza mais repelle, a Morte, se torna em unica solução do problema. (\*)

Um collega de Berard de Glajeux, Luiz Proal, tratando do duplo suicidio passionnal, antepôz ao seu substancioso trabalho, á guisa de epigraphe, o verso de Corneille:

« Et jusque dans la tombe il est doux de s'unir. »

Vale a pena saber o que pensam do Amor esses homens que, por sua vida professional, lhe téem observado as mais tremendas manifestações, — ou tintas no sangue das victimas, através dos processos criminaes, — ou conspurcadas pelas maiores torpezas e trações vergonhosas, em certas causas civis. Proal, bem conhecido entre nós por suas obras *LE CRIME ET LA PEINE* e *LA CRIMINALITÉ POLITIQUE*, encontra justificada, na aspiração de duas creaturas que se amam, a profunda expressão do Evangelho: — querem, de dois que são, formar um só corpo, unirse indissolvelmente, ligar-se para sempre.

E' pois, natural que, apresentando-se obstaculo insuperavel a essa união, os amantes preferam morrer. Morrer juntamente lhes parece menos doloroso do que viver separados.

Sonham deliciosamente com uma ligação estreita, duravel, eterna, feita pela Morte, ultimo abrigo dos desgraçados. O duplo anniquillamento lhes surge como idéa consoladora e supremo recurso.

Dahi, dessa necessidade de união indissolvel, resulta o pedido que, geralmente, fazem os que combinam o homicidio-suicidio: almejam ser enterrados na mesma sepultura. (\*\*)

Anima-os, no instante supremo, essa esperanza de união posthuma. As cartas que figuram em todos os autos referentes a esses homicidios-suicidios, mostram que não é simples aspiração poetica o desejo de ligação na sepultura. Parece, mesmo, que os incapazes de o traduzir em phrases rimadas são os que se sentem com a força precisa para lhe preparar a realisação pratica.

Em 1835, succedeu o drama em que

fôram protogonistas o dr. Bancal e mme. Zelia Troussel. E' celebre este caso de homicidio-suicidio, merecendo ser citado, por ser indiscutivel a sinceridade dos dois amantes. Vê-se que o mesmo pensamento e o mesmo sentimento dominaram aquellas duas almas atormentadas. O dr. Prospero Bancal era medico da marinha franceza; tinha, por amante, mme. Zelia, senhora casada. Em passeio, tinham vindo a Pariz, e se haviam hospedado em um hotel, quando, reconhecendo as difficuldades e as incertezas da sua situação, resolveram pôr termo á existencia. E' inacreditavel a coragem revelada pela mulher. A dupla tenacidade dos dois amantes chega a parecer phantastica. Aceita a deliberação, nenhuma dôr os conturbou, nenhum soffrimento lhes reteve os braços e a vontade sinistra. Bancal levou sete horas a lutar com a vida da amante. Fez-lhe duas sangrias, abriu-lhe a artéria dum braço, envenenou-a com acetato de morphina, e, afinal, duas vezes lhe enterrou o bisturi na região do coração!.. A cada tentativa homicida-suicida, correspondia uma indagação anciosa: «*Devo continuar?*» A resposta era sempre a mesma: «*é preciso acabar com isso; cumpre teu dever; quero morrer*»

Afinal, retalhada por successivos golpes, mme. Zelia succumbiu. Então, o amante vibrou contra sua propria pessoa tres profundos golpes, e, como não se sentisse morrer, ia revirando o bisturi dentro das feridas. Quando as auctoridades penetraram no modesto quarto do hotel, encontraram, ao lado do cadaver da adúltera, o corpo desfallecido do dr. Bancal, quasi agonizante, banhado no sangue que escorria das feridas dos dois.

Por occasião dos curativos que lhe fôram prodigalisados, quiz o medico allucinado arrancar as compréssas, apostrophando os collegas. Não queria sobreviver á sua amada, nem tolerava que dalli tirassem o cadaver, que só devia saír acompanhado do seu...

Proal explica a tenacidade, quasi heroica, que houve de parte a parte, pela exaltação amorosa, que, como a exaltação mystica e como a exaltação politica, communica particular energia á creatura humana, tornando-a insensivel á dôr physica. A proposito, lembra a exclamação que Victor Hugo pôz na bôcca de Hernani:

« Oh! qu'un coup de poignard de toi me serait doux! »

Os dois amantes manifestaram o já notado desejo de união no tumulto. Ella recommendava a um amigo comum: *quero ser collocada no mesmo caixão*. Elle escrevia á mesma pessoa: « em muito importa para mim ser collocado ao lado della; nossos ossos se hão de confundir; eis ahí um pensamento que me sorri. »

Observa Proal que essa manifestação solemne de ultima vontade é tão natural, que se encontra nos ultimos escriptos de rainhas e de mulheres do povo, de nobres e de plebeus, nos tempos antigos e nos tempos modernos, entre povos de raças diferentes e habitantes de regiões extremadas. Tudo demonstra que o coração humano é sempre o mesmo. E tambem qualquer que seja a opinião philosophica e a crença religiosa do observador, não pôde deixar de se sentir impressionado, deante desse accôrdo de vontades suicidas, pela grandeza tragica do acto, e, ao mesmo tempo, compungido e apiedado deante da dôr sincera que o motiva. Não ha negar, todavia, que a acção se complica com uma certa dôse de egoismo. A analyse psychologica nos mostra que um amante sente-se orgulhoso com o desprendimento do outro, que tudo lhe concede, até a vida, para evitar a separação. Até certo ponto, o sacrificio se tórna acceitavel pelo consolo de que só um pensamento occupa o cerebro e só um sentimento enche o coração da pessoa a quem se ama... A imaginação se exalta, naturalmente, deante desse voluntario abandono da vida, que, reciprocamente, se fazem os dois amantes inditosos, que suppõem, com razão, attingir á suprema certeza no amor.

\* \* \*

Resta procurar conhecer, em breves traços, o *processus* psychico desses dramas sangrentos. Ha, felizmente, vasto estudo do assumpto. Chpoliansky, Aubry, Corre, Henrique Ferri, Scipio Sighele, Tarde, Emilio Laurent e Proal — para não citar sinão auctores cujas obras possuímos — têm posto em contribuição todos os elementos colhidos na vida pratica e todos os dados da analyse psychologica, chegando, até certo ponto, a fixar algumas conclusões aproveitaveis.

A summa das opiniões reconhece que ha, nos casos de homicidio ou suicidio passional, um lento trabalho de suggestão reciproca e de auto-suggestão consequente, creando um estado d'alma especial, semelhante ao dos allucinados, confinante ao dos hypnotisados. Desde logo: é de observação diaria que um profundo amor gera, entre duas pessoas, verdadeira *solidariedade psychica* — na feliz e bem comprehensivel expressão de Chpoliansky.

Quando são dois jovens, que têm intimas e estreitas relações, que respiram o mesmo ambiente, a excitação reciproca pôde attingir, com facilidade, ao paroxismo do amor.

A contrariedade lhes causa dôr commum, real, egual em suas consequencias, na reacção que deve fatalmente provocar.

Uma *idéa fixa* resulta necessaria-

mente, e é a de lhes ser impossivel a vida com a separação. Segundo o auctor citado, é ao homem que cabe, quasi sempre, a iniciativa do projecto homicida-suicida. A mulher, já preparada pelo communismo de idéas e de sentimentos, concorda. Termina o drama com a união dos dois no seio da morte!

— Sighele, que, neste particular, merece especial menção — notou, por sua vez, que o trabalho da suggestão é sempre o mesmo, quer se trate de um *par* calmo e no gozo pleno da saúde physica e mental, quer se nos depare um *par* de loucos ou suicidas, quer se estude um *par* de criminosos.

O proprio amor, qualquer que seja, é já um producto de suggestão. Exprime, no final das contas, o intrometimento duma alma em outra, ou a superposição duma vontade dominadora a uma mais fraca. Bem havia observado o romancista psychologo Paulo Bourget, quando dizia que entre duas pessoas só uma é verdadeiramente amada. De facto, um amante é sempre arrastado pelo outro. Si chegam á mesma ou a semelhante intensidade de sentimento affectivo e de emotividade morbida, é isso devido á força da suggestão, que se pôde definir, num sentido lato: — a operação pela qual é provocada, no cerebro dum individuo, uma idéa capaz de ser traduzida em actos. Não só são affectuados os pensamentos, como modalizados os sentimentos, amoldados os costumes e os habitos, assemelhados os gestos, reproduzidas as palavras. O phenomeno da suggestão, em estado de vigília, na vida commum, sem hypnóse, entre duas pessoas sadías, é tanto mais facil de se verificar quanto mais duradoura e persistente é a intimidade entre ellas. Não se afirma, aqui, que a idéa do suicidio, em casos taes, germine, a um tempo, nos dois cerebros. Mas, vibrando as duas almas egualmente, é comprehensivel que qualquer pensamento se communique e seja acceito com agrado. Demais, nada existe mais communicativo do que a *idéa fixa*. Todos os psychologos e hypnologos têm feito essa observação. Ha um caso celebre desse phenomeno de *contagio mental* em que a explicação nos é fornecida pela vida progressa dos protogonistas e pela *maneira* das suas relações sociaes e familiares. E' o que nos revêla o processo Chambige. Era este um rapaz de 24 annos, estudante de Direito, dado á litteratura e, em especial, aos refinamentos do alto psychologismo. Por vezes, havia habitado a cidade de Constantina, na Algeria, onde travára conhecimento familiar com mme. X, senhora de trinta annos, casada, mãe exemplar e esposa fidelissima. O sofrimento os approximou; o moço litterato e sentimental perdêra uma irmã,

a quem estimava muitissimo; mme. X perdêra um filhinho querido. Quando a pobre senhora conheceu a familia Chambige estava inconsolavel. Disse-o o proprio Chambige: « *Eu a vi, através das nossas lagrimas.* » Foi, ao principio, bem se vê, um sentimento de affeição, quasi maternal, esse que ligou a senhora virtuosa ao rapaz soffredor e sonhador. União perigosissima de dois corações doentes... Chambige descreveu a evolução do sentimento experimentado pela sra. X. Em pouco tempo, quando elle a acreditava apenas triste, ella já se revelava terna! A recordação constante dos dois mortos bem amados, os havia conduzido ao amor. A principio, fôram conversas repassadas de soffrimento e de saudade, em que as duas almas se confundiam, repassadas da mesma triste magua, ligadas pela mesma dôr. Depois, lentamente, vieram as confissões, as trocas doutras sensações mais pessoas, mais intimas. Em volta, como observou, finalmente, Gabriel Tarde, o calor africano e a civilisação colonial, de moral incerta, conspiravam contra a pureza daquellas *rêveries*. Era facil, naquelle meio, o amollecimento dos corações e o arrastamento para as paixões extremas. Mme. X, dotada de bons sentimentos, parecia alheia a toda idéa de ligação material. O amor que a ligava a Chambige, pairava na região serena do idéal e do sonho. Mas, elle bem deprêssa ardia no desejo de pôsse absoluta, vencido pela natureza, victima, talvez, duma longa retenção sexual. E o trabalho de fascinação caminhou, a pouco e pouco. Afinal, a força de suggestão, não obstante nada ter da hypnotica, dominou o espirito daquella creatura, que se sentia delirantemente amada. Tarde falla, com justiça, na intrusão duma alma na outra, que ia desaparecendo, cada dia mais rarefeita. O amor é semelhante, assim considerado, a uma alma nova, que penetra a creatura humana, e que nella produz uma *condição segunda*, durante a qual se esquecem todas as relações da vida ordinaria, todas as preocupações communs. E nunca — observa o mesmo sociologo — o imperio absoluto duma paixão foi tão evidente como no caso de mme. X. Ella estava preparada para qualquer ordem do seu fascinador, como si fôra uma hysterica hypnotisavel. Foi assim que, quando Chambige viu que não podia obter elementos para sair com ella daquelle logar, facilmente conseguiu que o acompanhasse a um retiro amoroso, onde se lhe entregaria, pela primeira vez, suicidando-se ambos em seguida. Rendida, mme. X seguiu a Chambige, naturalmente, como si obedecesse a uma ordem soberana. Consummado o adulterio, exigiu o cumprimento da promessa feita, e foi ella

mesma quem ajustou na frente o cano do revolver. Morreu sorrindo, apresentando o cadaver a face das creaturas bemaventuradas. Chambige, em seguida, disparou dois tiros na cabeça. Caiu, como o dr. Bancal, ao lado da amante; mas, infelizmente, também não morreu.

EVARISTO DE MORAES.

(\*) Berard de Glajeux — LES PASSIONS CRIMINELLES, pags. 60 a 97.

(\*\*) Proal, LE CRIME ET LE SUICIDE PASSIONNELS, pags. 52-86.

## A TERRA SANTA

Partiu, ha dias, a peregrinação brasileira aos Santos Logares, conduzida pelo venerando primaz, d. Jeronymo Thomé da Silva.

Essa piedosa gente que a fé transporta ás longinhas paragens mais augustas da historia, váe imbuida da ditosa esperança de evocar as sagradas recordações, gravadas nos monumentos colossaes, nas ruinas millenares, dispersos naquelle portentoso paiz desolado, nas muralhas, nos templos da cidade lugubre dos prophetas terriveis, a Sião de David poderosa, prospera e opulenta, rodeada de jardins maravilhosos onde Salomão passeava em carros de ouro e marfim, no meio de cohórtes de jovens vestidos de puro linho branco, coroados de flôres e perfumados de myrrha, de phyltros inebriantes encerrados em caçoilas de ouro e pedrarias; a cidade devastada pelos conquistadores em dramas sangrentos e crueis numa série desastrosa, que terminou na tragedia do Calvario.

Os peregrinos souham Jerusalém, sempre gloriosa nos seus desastres, na sua fama maldita e sagrada; e enflora-se-lhes a alma num ardor de fé sincera, quando pensam que vão visitar as portas por onde Jesus entrou triumphante sob um tapête de palmas e flôres, o jardim onde souo de agonia, pedindo ao Pae Celestial que afastasse dos seus labios o calix do sacrificio, o pretorio onde o Rei dos Judeus foi exposto á irrisão da populaça e onde Pilatos lavou as mãos, a Via Dolorosa que vão percorrer de joelhos, osculando as nódoas do sangue do Justo até ás escarpas asperas do Calvario fulminado e o Santo Sepulchro, tudo isso conservado pelos musulmanos para a exploração da piedade christã.

Aguarda-lhes a mais acerba decepção. A Jerusalém de hoje não é mais o espectro da cidade das prophcias, nem a Jerusalém de cincoentas annos atrás. Invadiu-a a industria com todas as deformações modernas do progresso, deturpando-lhe a feição tradicional e tocando de tons exóticos o venerando

colorido dos seculos. Invadiram-na frades de diversas ordens, adversarios inconciliaveis, que disputam, á bordoadada, certos privilegios da exploração dos Santos Logares; invadiram-na, emfim, abjectos mercadores de todos os matizes, peiores que aquelles expulsos do templo por Jesus. E' curioso verificar que dessa turba de mascates, que infestam o berço do christianismo, os mais moderados, os mais humanos são os turcos.

Em várias paginas do romance da escriptora Myriam Harry — *A Conquista de Ferusalém*, recentemente editado em Pariz, ha um personagem curioso, o conde Bohemond, paladino á antiga, uma espécie de D. Quixote, fiel ás tradições do passado, a lamentar as profanações que nodôam a cidade immortal.

Essas paginas traçam, admiravelmente, o disforme aspecto da Jerusalém modernisada.

Ouçamos o conde Bohemond, a declamar, indignado :

— Ouvis, ouvis peregrinas que vão de carruagem á crypta de Bethlém? Não é uma vergonha? No meu tempo, a gente se arrastava até lá de joelhos. Ha, agóra, uma nova companhia de transporte dos *touristes*. E' inutil dizer que é formada por allemães. E é, precisamente, áquella colonia, installada a dois passos de um castello, a esses famosos templarios, cultivadores de feijão e repólho que devemos a importação de fiacres. Muito breve, construirão um navio a vapor para passeiar no Mar Morto e, talvez, um bond electrico para percorrer a Via Dolorosa, com paradas facultativas em todas as estações da Cruz. Assim, será a Jerusalém entregue ao commercio, ao progresso e aos cultos reformados, que são a religião do positivismo e do bom senso, porque, ao passo que construimos egrejas, conventos, hospitaes, elles edificam escolas, *gares*, usinas. Seria preferivel o reinado musulmano e a irrupção de uma horda de barbaros, que nos matavam os corpos, profanavam os nossos altares, mas respeitavam a nossa loucura, deixando intacta a belleza da payzagem. O peor vandalismo é o que estrangula a chiméra, mutila as azas do pensamento, asphyxia os impulsos do coração, destróe a harmonia das coisas e calca a santidade das recordações. . .»

Essa deformação material se opéra dentro de uma atmospherá moral saturada de emanações de odios e ganancias de estrangeiros, representantes de todas as religiões, de todos os cultos, catholicos, protestantes, judeus, os quaes se installaram na cidade e luctam pela sua conquista definitiva. Essa massa cosmopolita de frades de variegados habitos, de mercadores, de industriaes, férve em contínuas disputas, rixas violentas, porque os proprios

ministros do mesmo Deus, do mesmo culto se detestam, se calumniam, exorcisam uns aos outros, como instrumento de satanaz.

Elias, o heróe do romance, educado num seminario, abrazado de um ardor mystico, váe a Jerusalém emhender trabalhos archeologicos. I ntro de alguns dias, a sua fé arrefe desilludida com o spectaculo das cordias, que rebentam, a cada momento, em dejéctos vis, o virus tumores malignos da ambição.

Mme. Myriam Harry desvendá triste aspecto dessas miserias neste trecho :

«A patria evangelica, donde jorra a fonte de doutrinas de paze e caridade se lhe figurava uma fornalha de intolerancia e de odio. A egreja do Santo Sepulchro, labyrintho de capellas, cryptas, de claustros sem arte, sem belleza, sem regularidade, heterocli e heterodoxos, parecia um templo discordia, onde, á sombra dos altares a anarchia religiosa tecia a tেলা da schicana.»

«Por todos os lados, ouvia o murmúrio de préces e o ruido de brigas. Os canticos não tinham por fim celebração da gloria de Deus, sinão abafar as vozes do culto visinho, impedil-as de chegarem ao céo. Havia *kyrie eleison* e tridentes como gritos sediciosos, *deum* lugubres, como dobres de finados. E, muita vez, os soldados turcos acorados á entrada do sactuário tinham de abandonar a sua partida, dados, as suas chcaras de café, para chamarem os christãos á ordem, com respeito á egreja.»

«Elias, que outr'ora entrevira a luz do espirito, tacteava, agóra, no limbo onde ella brotára, gyrando cégo nas trévas da letra morta. Alli, onde se enhára a affirmação da sua fé, encontrára, apenas, vagas superstições que lhe abalaram os fundamentos.»

Os peregrinos brasileiros soffrerão essa atróz desillusão da sua piedade das suas esperanças e da sua fé. Ell encontrarão Jerusalém modernisada com os seus caminhos de ferro, se bazares de reliquias authenticas e falsas, apinhados de mercadores e penhados em braganhas indecorosas encontrarão, em vez de estações de penitencia, deliciosos sitios de gôstos onde magdalenas vendem aos *touristes* curiosos, rosarios, bentinhos, pequenas lascas da cruz do Redemptor e, misturada com essas fêlpas do Santo Lino, bugiarías da grosseira superstição oriental, que conjuram perigo propiciam negocios, dão ventura e amores, ou livram dos piólhos com que os camellos contaminam os viajantes que preferem, aos modernos meios de transporte, o vehiculo antigo, o classico navio do deserto, para a travessia pittoresca de Jaffa a Jerusalém.

Os piedosos peregrinos deparar

attonitos todas as monstruosidades da deturpação profanadora da Terra Santa. Seus olhos e seu espirito procurarão, em ancia vã, os vestígios de Jesus Christo, cujas pegadas, impressas com o precioso sangue da Redempção, desapareceram falsificadas sob o colorido incoherente de grosseiras superstições, da lenda e do commercio.

.....

Quando um dos peregrinos, o piedoso e meigo padre Philomeno, me abraçou, na hora da partida, prometendo, commovido, envolver-me nas suas orações, no Santo Sepulchro, eu pedi a Deus, de coração, o acompanhasse e lhe preservasse a fé puríssima.

CUJAS.

## PAGINAS ESQUECIDAS

A FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

Bem vindo sejas, poeta,  
A estas praias brazileiras !  
Na patria das bananeiras  
As glorias não são de mais :  
Bem vindo, ó filho do Douro !  
A terra das harmonias,  
Que tem Magalhães e Dias,  
Bem póde saudar Novaes.

Vieste a tempo, poeta,  
Trazer-nos o sal da graça,  
Pois co'os terrores da praça  
Andava a gente a fugir :  
Agóra, calmando o medo  
E ao bom humor dando largas,  
A comprimir as ilhargas  
Agóra vão todos rir.

Entre todos os paquetes  
Que o velho mundo nos manda,  
Eu sustento sem demanda :  
*Tamar* foi o mais feliz ;  
Os outros trazem cebolas,  
Vinho em pipas, trapalhadas ;  
Este trouxe *gargalhadas*,  
Sem ser fazenda em barris.

Venha a satyra mordente,  
Brilhe viva a tua veia,  
Já que a cidade está cheia  
Desses eternos *Manéis* ;  
Os barões andam ás duzias  
Como os frades nos conventos,  
Commendadores aos centos,  
Viscondes a pontapés.

Aproveita estes bons typos,  
Ha-os aqui com fartura,  
E salte a caricatura  
Nos traços do teu pincel :  
Ou quer na prosa ou no verso  
Dá-lhes bem severo ensino,  
Resuscita o Tolentino,  
Embeleza o teu laurel.

Pinta este Rio num quadro :  
As letras falsas dum lado,  
As discussões do Senado,  
As quebras, os trambolhões :  
Mascates roubando moças,  
E lá no fundo da téla  
Desenha a febre amarella,  
Vida e morte aos cachações.

Oh ! canta ! o povo te applaude,  
E os loiros p'ra ti são certos !  
Acharás braços abertos  
No meu paterno torrão :  
Se és portuguez lá na Europa,  
Aqui, vivendo connosco,  
Debaixo do colmo tosco,  
Aqui serás nosso irmão !

Bem vindo, bem vindo sejas  
A estas praias brazileiras !  
Na patria das bananeiras  
As glorias não são de mais :  
Bem vindo, ó filho do Douro !  
A terra das harmonias,  
Que tem Magalhães e Dias,  
Bem póde saudar Novaes.

CASIMIRO DE ABREU

\* \* \*

BILHETES DE PARIZ

*Aos estudantes do Brazil*

SOBRE O CASO QUE DELLES CONTA  
MME. SARAH BERNHARDT

II

Agóra, neste Bilhete, mais arejado e espaçoso, podemos sem precipitação conversar, ó meus amigos, sobre o caso suffocante. E vós mesmos reconheceis que elle é supremo e ultrapassa em sombria estranheza todos os casos gloriosamente succedidos a mme. Sarah Bernhardt, durante a sua jornada civilisadora através dos Continentes novos. Senão, vêde ! Tomemos respectivamente o primeiro feito, contado pela genial senhora com uma simplicidade tão nobre, no seu *Exame de Consciencia*. E' a chegada á Australia. Mme. Bernhardt apórta a essa terra privilegiada de lã e de ouro. No caes do desembarque, tapetado e florido, está esperando por ella, numa tremula anciedade, a Municipalidade de Melbourne, com todas as insignias tradicionais dos velhos municipios inglezes, a dalmatica de romeira de arminhos, os quatro trombeteiros, o porta-espada e o porta-sceptro. Nas docas, os apitos de todos os vapores ancorados apitam com desesperado entusiasmo. Em cada torre, adeja a Tricolor. Mme. Bernhardt desembarca com essa simplicidade com que sempre desembarcaram os verdadeiros conquistadores, os verdadeiros Civilisadores — Santo Agostinho na Inglaterra, Cortez no Mexico. Entra no seu hotel ; põe um pouco de póde arroz ; janta ; representa a *Tosca*—e *imediatamente* (como ella diz em palavras memoraveis, que eu não altero) a *colonia Franceza, que até ali vivera numa posição subalterna e*

*opprimida, ergueu livremente a cabeça e começou a dominar na Australia !*—Isto é, certamente, inesperado. Mas não ha, neste feito de mme. Bernhardt, nada de extravagante ou de estranho. E' a classica façanha, tantas vezes consummada através da historia—a libertação duma raça ! Mme. Sarah, como Joanna d'Arc, arranca á oppressão dos inglezes um precioso bocado da França. Com pequeninas diferenças (que nada importa em questões de heroismo) ella é a *Pucelle de Melbourne*. E notai mesmo a superioridade humanitaria de Sarah. A Virgem d'Orléans desopprimiu a França derramando o sangue de inglezes e burgonhezes e muitas canadas desse sangue pela sua mão, porque a forte virgem não desgostava das rijas cutiladas. Mme. Bernhardt, ao contrario, não libertou os seus irmãos matando -- mas morrendo ! Morrendo no 5º acto da *Dama das Camélias*, no 5º acto do *Hernani*, no 5º acto da *Phe-dra* ! Morrendo sempre, pelo punhal, pelo veneno, pela tuberculose ! E a cada sacrificio da sua vida correspondia um beneficio para a sua patria ! Quanto mais ella desabava morta no tablado, com aquelle sublime morrer que é só della, — mais a colonia franceza, levantando a cabeça, se affirmava e estendia o seu dominio ! De tal sorte que, se ella não cessasse de morrer por ter findado a sua escriptura, a Austria seria hoje uma provincia de França, exclusivamente franceza, onde o ultimo inglez estaria comendo o ultimo kangurú á sombra do ultimo eucalypto !

Mas, atravessemos os mares e observemos os triumphos novos com que mme. Sarah Bernhardt é acolhida no Canadá. *Ahi*, (conta a sonora artista, em phrases que humildemente copio) *o meu trenó andava sempre seguido e acompanhado por todos os senadores e deputados !* Sem duvida, este cortejo é raro ! Mas, não ha ainda aqui nada de exotico ou de sombrio. Ao contrario ! E' um claro, delicado, alegre quadro de neve e de Representação Nacional. A neve, toda branca, sob um céu todo branco, cobre o Canadá : envôlta em pelles, mme. Bernhardt occupa soberanamente um trenó dourado que fende, finalmente, a neve : e em torno della, sobre patins ligeiros, de mãos na cinta, a Assembléa Legislativa deslisa pela dura neve em curvas airozas, com

garbo parlamentar, segundo a ordem do dia. Porque, notai bem o que especialisa mme. Bernhardt. Não são dous ou trez deputados galanteadores, ou algum senador desgarrado que seguem o trenó de Sarah. Não, são os senadores e deputados *reunidos em assembléa!* Quem váe correndo no sulco branco, atravéz da neve branca, é o poder legislativo! Doutro modo, não haveria (conforme accentúa mme. Bernhardt) a intenção social e nacional de lhe dar preito a ella como a altissima representante da França. E bem podemos, pois, pensar que as duas Camaras Electivas seguiam mme. Bernhardt *funcionando*, providas do seu presidente e dos secretarios, e da tribuna, e do copo d'agua, e que celebravam em torno do trenó divino, na carreira jovial, a sua sessão ordinaria. Naquelle purissimo ar, sob o fino sol que arranca um fulgor niveo á neve, emquanto o trenó corria, e com elle corria a Representação Nacional, proveitosamente se cruzavam as interpeleções, as moções, as remessas para a mesa, as emendas ao orçamento, as affirmações tranquillizadoras do ministerio, «que ha de sempre manter a ordem», e os apartes vibrantes duma opposição irritada! Abafada, com uma nobre elegancia, em espessas pellichas, imperialmente reclinada naquelle trenó que é um throno, cerrando as palpebras langurosas, num sorriso indulgente, mme. Bernhardt recolhe silenciosamente (para transmittir á França) esta homenagem immensa da Constituição do Canadá! E por vezes mesmo, sem querer, ao saudar um membro do parlamento, com um geito de regalo, ella choca e derruba um Projecto de Lei, um fecundo Projecto de Lei, que por sobre o trenó ia voando da Camara Electiva para a Camara Alta, e que cae, fica perdido na neve, emquanto o triumphante cortejo rola, e legisla, e já se perde nos horisontes encaramelados onde se agita, negro sobre a alvura, o braço do presidente, que repica a campainha, porque mme. Bernhardt váe para o ensaio e a sessão está encerrada! Contemplemos ainda um instante esse quadro consolador, o mais bello, talvez, de que se ufana a Historia Constitucional do seculo XIX; embarquemos de novo, descendo ao longo da luminosa costa do Pacifico.

Estamos no Chile e mme. Bernhardt

está comnosco. «*Ahi*, (diz ella no seu *Exame de Consciencia* e em palavras impressionantes que eu, com penna rendida, translado) *as senhoras mais distinctas e os homens mais elegantes da sociedade chilena recitavam deante de mim, para me prestar homenagem, os folhetins inteiros de Jules Lemaitre no JORNAL DOS DEBATES, que elles tinham aprendido de cór!*» Ah, meus amigos! Desde que pisamos a America do Sul, já as cousas se vão estragando — e não nos encontramos aqui deante de manifestações tão naturaes e tão socialmente singelas como as do Canadá e as da Australia. Considerai este quadro, que me parecia inquietante. Um largo salão, bem allumiado. Senhoras decotadas, com flôres nas tranças, nos olhos um fulgor redobradamente chileno, e o dôce peito nacarado a arfar. Em frente, noutra sala, cavalheiros elegantes, talvez condecorados, sorrindo com o sorrir livido e arrepanhado de atrapalhação (essa atrapalhação que vós conheceis, a atrapalhação de manhã de exame!) e palpando no bolso trazeiro da casaca o jornal que decoraram. No fundo, mães gordas de nariz pensativo. Entre as portas, papás passando sobre a calva uma lenta mão que a anciedade humedece. Dez horas. Um rolar de coche. Mme. Sarah Bernhardt entra, arrastando um desses tremendos vestidos de um esplendor quasi furioso, compostos especialmente para as republicas hespanholas do Pacifico. E immediatamente as lindas damas decotadas, os cavalheiros condecorados, erguendo o braço direito, recitam, num côro largo, os folhetins de Jules Lemaitre, no *Jornal dos Debates!* Não sei se havia acompanhamento de orchestra.

Mme. Bernhardt, no *Exame de Consciencia*, não allude á orchestra. Era, pois, um recitativo secco, em que os barytonos exprimiam o que nos folhetins de Lemaitre ha sempre de philosophico, e os sopranos, de rutilantes olhos, exprimiam o que nelles ha de ornadamente melodico. No meio da sala, sob o lustre, mme. Bernhardt respirava o aroma intellectual e critico daquella personagem estupenda. Os folhetins de Lemaitre occupavam, então, no *Jornal dos Debates*, duas paginas, e por dez columnas se alastravam. Certamente, de vez em quando, os creados circulavam, offerecendo aos coristas

arquejantes agua nevada e açucarillos. Depois, de novo, os braços se erguiam, o côro magestoso recomeçava e, atravéz das janellas abertas, os periodos melodicos de Lemaitre rolavam, lentamente se esvaíam na noite estrellada do sul, como incenso de fabricação franceza offertado ao Genio da terra franceza. E sempre do meio da sala, mme. Bernhardt immovel, no seu mirabolante vestido de exportação, com um sorrir divinal, aquelle sorrir que hoje é só della, depois de ter sido de Melpomene, approvando a bôa pronuncia e a bôa memoria da prospera nação chilena..

Meus amigos, fuja mos deste espectáculo horrifico! Depressa corramos ao caés de Santiago! Depressa, *trepemos* ao tombadilho do paquete, que fuméga! O mar é benigno porque sabe quem sobre elle váe navegar... Já estamos passando o Estreito de Magalhães, e, ao longe, na costa, avistamos os fogos dos Patagonios. Na Patagonia...

Mas, deixai que eu consulte o *Exame de Consciencia*, glorioso roteiro desta jornada gloriosa. Não! na Patagonia, mme. Bernhardt, que váe comnosco, não teve nenhuma ovação, nem sob a forma de sessão legislativa. A prôa do nosso paquete já rasga firmemente as aguas onde se balançavam, hesitantes, as caravellas de Pedro Alvares. Eis o Rio de Janeiro. Salve, terra amavel! O Pão d'Assucar surge todo côr de rosa como uma fronte que a alegria illumina...

Mas, a folha do meu bilhete findor — necessito outra folha. Assim, folha com folha, se faz um bosque; — um bosque onde eu me quereria esconder para não presenciar os casos estranhos e sombrios que, com Sarah e por Sarah, se vão passar nessa terra que é quasi a minha terra.

Mas, ahí vem a catraia da alfandega e a *Dama das Camélias*, *D. Sol*, *Phedra*, outras ainda, tocantes ou terriveis todas, numa só, desembarcam.

EÇA DE QUEIROZ

Pariz, 1893.

SHAKESPEARE

Foi recentemente descoberto e comprado, em Londres, por £ 2.000, pelos srs. Sotheran, o unico manuscripto conhecido da 1ª edição, em quarto, (1594) de *Titus Andronicus*, de Shakespeare. Pensa-se que o manuscripto será destinado á America do Norte.

## O ALMIRANTE (21)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

## CAPITULO XIII

Oscar apresentou-se ao ministro, ao quartel general da armada; e, em seguida, foi visitar o Imperador, em Petropolis. Sua Magestade não dava, nesse dia, audiencia; mas, o conde da Motta Maia concedeu uma excepção ao regimen rigorosamente estabelecido em beneficio da saúde de seu augusto cliente. Elle mesmo encaminhou Oscar ao gabinete imperial.

— Olá, meu Almirante! — exclamou sua Magestade, sentado entre montões de livros e revistas desarrumados, na costumada desordem que o cercava.

Oscar, tremulo de commoção, acercou-se delle; curvou-se, beijou-lhe a mão alva e macia, que reteve, affectuosamente, a sua.

— Aproveitou muito nessa longa viagem? — continuou elle. Viu muita coisa curiosa e instructiva? Que é do seu relatório?

— Entreguei-o, hontem, ao senhor ministro da marinha.

— Muito bem, muito bem. Diga ao Ladario que desejo lê-lo.

— Cumpri, fielmente, as instrucções de vossa Magestade, e reuni as minhas impressões num livro, que tomei a liberdade...

— Um livro? Muito bem. Deixe ver...

O Imperador tomou soffregamente o livro que Oscar lhe estendia, um exemplar luxuosamente encadernado. Abriu-o; leu a dedicatória; folheou algumas paginas, e concluiu:

— Muito bem. Vejo que aproveitou bem o seu tempo em beneficio da marinha e de nossa patria. O governo saberá recompensar os seus serviços. Pessoalmente, estou muito satisfeito por ver que correspondeu, brilhantemente, á minha expectativa. Aqui onde me vê, meu caro, estou padecendo a prohibição de trabalhar, de ler, imposta pelo despotismo do meu medico, aliás bem suave. O Penido disse, na Camara, que eu estou maluco...

O Imperador calou-se alguns momentos, em attitude de scisma dolorosa.

— Sómente as pernas estão um pouco fracas, effeito da idade e da grande lida de governar. Oh, o resto está são...

E tocou na frente, enquadrada de finissimos cabellos brancos.

— Como váe a marquezia? Tive noticias della pela Izabel. Que extraordinaria mulher!

Antes de obter resposta, o Imperador apertou de novo a mão de Oscar, e concluiu:

— Muito obrigado pela dedicatória do seu livro. Hei de lê-lo com interesse. A nossa marinha necessita de

officiaes moços, vigorosos, instruidos. Os velhos marinheiros estão ficando aquem dos rapidos progressos de sua profissão. Quer falar á Imperatriz?...

As audiencias do Imperador terminavam sempre com essa pergunta. Oscar beijou-lhe outra vez a mão, e retirou-se.

Poucos minutos depois, era recebido pela Imperatriz, que lhe dirigiu as perguntas do estylo, pedindo-lhe noticias da familia, terminando por lhe perguntar como achára o Imperador.

Dias depois, Oscar foi promovido a capitão de mar e guerra, acto que, preterindo outros collegas mais antigos, não provocou, todavia, as habituaes recriminações, por serem incontestaveis os seus merecimentos, e por ser notoria, na classe, a predilecção com que sempre o destacára o monarcha, desde que lhe chamára *almirante*. O facto era esperado, mais cedo ou mais tarde, como cumprimento da palavra de rei.

O regresso de Oscar ao Rio de Janeiro coincidira com os agitados e memoraveis dias de junho de 1889, quando, pela vóz prophetica do padre João Manoel, a propaganda republicana rebentára, como um raio, no recinto da Camara dos deputados, na sessão em que se apresentou o gabinete 7 de junho, incumbido de conjurar o perigo imminente com reformas liberaes, que demonstrassem caberem, na fórma do governo, todas as legitimas aspirações democraticas, até então represadas por uma politica demasiado estreita, centralisadora e rotineira. Era indispensavel que o governo não ficasse aquem da evolução precipitada pela extincção do elemento servil, cumprindo-lhe apparellhar a nação para a nova ordem de coisas.

D. Eugenia celebrava a promoção de Oscar, com uma intima reunião de amigos da familia. Alli estavam, em grupos, espalhados pelos salões, senhoras e cavalheiros de melhor nota e maior valor, muito interessados todos no commentario dos factos que, naquelle momento, apaixonavam a alma nacional.

Na sala de jantar se reuniram os politicos, os homens de negocios, manejaadores da alta finança, soffregos por colherem informações do conselheiro Antonino, sabedor de tudo quanto se passava atrás dos reposteiros imperiaes.

A conversação adejava, vehemente, curiosa, em torno do problema da situação nova, ainda indefinida e, para muitos, ameaçadora de resultados suspeitos, apenas entrevistados por entre as sombras temerosas de um futuro malsinado. Á crise que alijára o gabinete de 10 de março e levára ao poder o de 7 de junho, era o assumpto obrigado e, por todos os motivos, o mais interessante. Duas senhoras apenas — a mar-

queza e d. Eugenia — figuravam na sessão de palestra politica, reunida, na sala de jantar, sob a presidencia do infatigavel Souza e Mello, que estava num dos seus momentos de vehemente exaltação democratica contra o poder pessoal, a dynastia de Bragança, os aulicos, os estadistas desnorreados, que conduziam a nação ao encontro da republica.

— Não disfarçemos — exclamava elle, sublinhando as palavras asperas, com olhares a faiscarem nos cristaes dos oculos, e com largos gestos contundentes — não disfarçemos a gravidade da situação, meus caros amigos; isto está por um triz. O throno é uma arvore sem raizes, carcomida de parasitas, desabará á primeira lufada, e já presentimos o rumor da trebusana que ahi vem. Não ha duvida. Os velhacos, os espertos, que viveram sempre á sombra da velha arvore, estão se afastando, cautelosamente, como ratos a abandonarem o navio, na imminencia do naufragio. Firme no rochedo dos meus principios democraticos, não me arreceio do futuro proximo... o principio do fim...

— Mas — ponderou, modestamente, o conselheiro Antonino, — se bem que a situação seja muito tensa, não faltam remedios legaes, providencias do governo para conjural-a, como, acertadamente, disse o presidente do conselho: uma politica de largo descortino e reformas efficazes como — a plena autonomia dos municipios e provincias, tendo por base essencial a eleição dos administradores municipaes, a nomeação, mediante uma lista triplice de eleitos, dos presidentes e vice-presidentes das provincias; effectividade do direito de reunião, a immigração, temporariedade do Senado...

— Perdão, conselheiro — atalhou o advogado. — Essas reformas não passam de palavras pomposas, de promessas imperiaes para enganar a nação, que chegou á desillusão definitiva. Essas promessas democraticas indicam, como disse o Pedro Luiz, o começo da republica.

— Entretanto, — proseguiu o conselheiro — ha ainda o remedio heroico. Essa abençoada arvore da dynastia tem rebentos novos e vigorosos: appellemos para elles...

— Sim — aparteou vivamente a marquezia — Appellemos para o terceiro reinado...

— Seria inutil — affirmou Souza e Mello — A monarchia, no Brazil, é um apparelho, cujos segredos sómente o Imperador conhece. Sómente elle sabe puxar as vistas para transformar o scenario politico. Não viram os senhores, como, ha poucos dias, moeu o gabinete 10 de março, recusando-lhe a demissão seis vezes para, afinal, mandal-o embóra, apesar de ter grande maioria no parlamento?

E como lhe objectassem que o gabinete fôra prejudicado pelo caso Loyo e pela colligação de conservadores dissidentes, escravocratas inconsolaveis, o ardente opposicionista republicano retrucou que, a prevalecerem esses motivos, deveria o Imperador aceitar logo a demissão. Mas, o caso era que o glorioso chefe do gabinete 10 de março adquirira demasiado prestigio com a abolição, era homem de actividade energica e estava excedendo muito a craveira dos estadistas de lei, sendo necessario, conforme a praxe, reduzi-lo ás proporções triviaes de instrumento dos caprichos imperiaes.

— Não ha duvidas possiveis — concluiu elle — a dynastia está perdida... Réze-lhe pela alma, querida marquiza, e peça a Deus lhe suavise a agonia e lhe perdôe os peccados, que são muitos.

Essas palavras ironicas repercutiram no coração da marquiza, despertando a impressão da horrivel visão da loucura demagogica tripudiando num montão de cinzas, de ruinas ensanguentadas.

Uma crispação nervosa lhe percorreu, como um rastilho de gelo, todos os membros. Ella aconchegou-se a d. Eugenia, tomou-lhe as mãos como quem procura abrigo num seio amigo.

— Não se assuste, marquiza, tornou o advogado. A republica não será Oitenta e Nove nem a Communa. As idéas amadurecidas no coração e no cerebro do povo, não precisam mais de sangue de martyres, nem do terror. Ella será feita, no Brazil, como se fez a extincção da escravatura, como se fazem os ministerios. A monarchia será desmanhada sem estrépito, como o Imperador desmancha situações: uma repentina mudança de scenario transformará radicalmente o palco, e a comedia continuará sem purpura, sem sceptro, sem corôa, com os mesmos personagens, os mesmos comicos, sem convicção dos papeis que desempenham; alguns hypocritas, outros gaiatos, todos muito interessados em não perderem ou em augmentarem os ordenados. E a platêa applaudirá, friamente, a peça que lhe pregarem, repetindo, sob apparencias illusorias de renovação, a mesma politica ronqueira e monotona sem lances commovedores, sem situações tragicas.

— O doutor é pessimista — atalhou o Castrinho, que até então ouvira, sorrindo e fazendo com a cabeça rapidos gestos negativos, a perlenga democratica, o vaticinio de Souza e Mello. — O doutor não vê que os negocios tomam impulso pela confiança no governo. Eu, que vivo na praça, posso afirmar que o paiz se ergue do marasmo, que a lavoura agonisante está se animando, sómente com as promessas de uma era nova. Temos dinheiro a rôdo... dinheiro ouro, metal sonante.

Que o diga o excellentissimo barão de Freixo, que é da classe..

— Lá isso é verdade — affirmou o barão. E, voltando-se para a marquiza, continuou: Nós, a nobreza, a gente que tem o que perder, cá estamos para..

— Para correr — interrompeu Souza e Mello — para se metter nas encôspias, quando chegar o momento de amparar o throno, excepção feita da senhora marquiza... Esta sim: se fôra homem, daria o seu sangue pelo seu rei, como fazia a nobreza nos tempos heroicos, cavalheirescos.

O conselheiro Antonino, que se conservára silencioso, de olhos baixos, como quem ouve com paciencia, ponderou:

— O Imperador tem amigos sinceros, amigos leaes...

— Capazes — continuou Souza e Mello — de fazerem por sua Magestade todos os sacrificios que elle fôr capaz de fazer por elles... O egoismo, o scepticismo, que tóldam as alturas, como nuvens espessas em torno do cimo de uma montanha, descerá ao valle e ensombrará a alma do povo, fatigado de quasi um seculo de decepções.

D. Eugenia, percebendo a commoção da marquiza, procurava distrahi-la, conversando com ella em vóz baixa, chamando a sua attenção para o ruido alegre de vózes sonoras, vindo do salão onde estavam, em animada palestra, as moças, Oscar e outros convidados, mais amigos das damas que da politica. Ouviam-se as gargalhadas que Dolores provocava com as suas narrativas galantes, feitas num tom de ingenuidade maliciosa, de provocarem rubores aos melindres de sensitiva da baroneza de Freixo, muito confusa com o seio sacudido de ancias a estoira-rem em suspiros tenues, imperceptiveis, quando os seus olhos, amortecidos dentro de palpebras arrouxeadas, fuzilavam de volupia ao encontrarem os do bello marinheiro, que era naquella noite o fôco da attenção feminina, ávida de lhe conhecer as aventuras da longa peregrinação de tantos annos em rôda do mundo.

Oscar parecia deshabituaado áquelle meio, e notava-se-lhe certo esforço para corresponder aos repetidos cumprimentos amaveis de Dolores pelas promoções rapidas, galardoando meritos incontestaveis, serviços scientificos, que lhe davam luminoso destaque entre os seus mais distinctos collegas.

— Não ha como a marinha — affirmava Dolores — para assegurar o futuro, se bem que nem todos tenham a mesma sorte; para uns, tudo é facil; para outros, o caminho é ingreme, cheio de tropeços. Nas outras carreiras, na magistratura, por exemplo, a regra é marcar passo, quando não se

téem padrinhos poderosos. A prova é o Dadá. Nada lhe falta: talento, probidade, precedentes...; entretanto, está quasi perdendo a esperança de uma collocação digna...

E, mudando, rapidamente, de assumpto, inquiriu a opinião de Oscar, sobre a baroneza de Freixo, que continuava a suspirar, quasi desfallecida, derreada numa poltrona; sobre as mulheres dos paizes exóticos, por elle percorridos, os costumes e, principalmente, as modas, que haviam resistido á expansão poderosa do genio francez.

— Aqui, no Brazil — observava Dolores — somos francezas das botinas ao chapéo. Veja, allí, a baroneza; parece ter saído, ha instantes, de um *atelier* pariziense. Todas nós vamos procurar inspiração para as nossas *toilettes* no derradeiro figurino francez.

A baroneza de Freixo parecia não ouvir essas referencias repetidas, maliciosamente intencionaes. Toda entregue aos cuidados da sua pessoa esguia, ás attitudes languidas, aos gestos lentos e fatigados, ella mudava de posição, a cada momento, como se a pungissem serio mal-estar e um desgosto, a custo contido, da importuna assiduidade de outros cavalheiros, que a cercavam num verdadeiro assalto de amabilidades, de galanteio banal.

Amelia, sempre perto de Oscar, fazia-lhe observações justas sobre as maneiras de Dolores, sobre as attitudes comicas da baroneza, sem disfarçar certa má vontade, quasi repugnancia a essa desenvoltura agitada ou quieta, que seria escandalosa, se a sociedade, por tolerancia criminosa, se não houvesse habituado ao contacto dessas creaturas infelizes ou pervertidas por temperamento, por fataes desvios da educação, por taras teratologicas, ambiciosas ou ingenuas, escravizadas a um gôso ephemero, á fascinação de uma estôfa, de uma pluma, de uma renda subtil, ao esplendor de uma joia ou á sêde de evidencia, do notorio, do exótico, á curiosidade insaciavel, que é um dos pendores instinctivos do sexo. Essas mundanas são como moscas: penetram tudo, attraídas pelos vícios dos homens; surgem dos dejéctos, aparentemente limpas, reluzentes de esmaltes, caprichosas no côrpo e nas azas cerúleas; passam do tugurio aos palacios, da cosinha dos famintos ás mezas opulentas dos saciados; profanam as gazes dos berços e os linhos candidos dos altares; beijam membros gangrenados e niveos cóllos virginaes, conduzindo os germens de infecção, que ellas generalisam como um contagio assolador. E são ellas, essas orphãs do senso moral, as figuras ornamentaes, imprescindiveis, caryatides despudoradas a sustentarem, em attitudes sensuaes, as architraves do edificio social, nos compartimentos das exhibições faustosas do bom gosto, dos re-



quintes de graça e de elegancia, dos centros onde o escól humano se diverte, excitando os esgottamentos dos organismos fatigados, as degenerescencias da raça.

(Continúa)

## JOSÉ DO PATROCINIO

Venho de enterrar José do Patrocínio!

Chateaubriand, no seu incomparavel estylo de melancolia elegante, dizia, ao voltar do enterramento de um seu amigo querido: «A minha vida está se assemelhando a uma rua de Roma antiga, com tumulos de ambos os lados.»

De facto: quando chegamos ao meio do caminho da vida e olhamos para trás, é que vemos quantas as cóvas cheias dos companheiros da jornada.

A Providencia, bôa como é, váe nos habituando com a morte no correr dos annos.

Confesso que já estou cansado de ver morrer!

A morte de Patrocínio causou-me grande impressão, porque, durante perto de 20 annos, me habituei a conviver, quasi diariamente, com esse grande espirito; e, nos ultimos tempos, a nossa amizade se transformou em fraternidade.

Como pequena homenagem ao grande morto, vou fazer um rapido estudo sobre o papel brilhante que elle representou no nosso scenario politico e pôr em evidencia não só a elevação Hymalaia do seu cerebro como a grandeza oceanica do seu coração.

\* \* \*

A questão do elemento servil não preocupou os politicos do Imperio senão depois de terminada a guerra do Paraguay; epocha marcada pelo Imperador para se occupar da questão, em resposta á mensagem que lhe foi enviada pela «Junta Franceza», sociedade emancipadora, de que faziam parte grandes nomes de França: Broglie, Schoelcher, Cochin, etc.

Até então, sómente o dr. Antonio Ferreira França, deputado pela Bahia, apresentou á Camara dos deputados dois projectos: um, abolindo a monarchia e proclamando a republica, com presidente eleito por 4 annos; e outro, abolindo a escravidão.

Apezar de julgados materia de deliberação, os projectos fôram rejeitados, infelizmente para o Brazil, porque, desde 1831, começariamos a viver como nação, livre da triste herança da escravidão.

Os senhores de escravos e fazendeiros dominavam o Brazil: elles faziam os eleitores; estes, os deputados e

senadores; dos deputados e senadores, tirava o Imperador os ministros.

Fallar em abolir a escravidão para um homem politico era um suicidio; ficaria irrevogavelmente condemnado; nunca mais teria uma cadeira na representação nacional. A não ser um poeta ou um moço de talento sem ligações partidarias, ninguem pensava em substituir o braço escravo pelo livre.

A escravidão estava tão inoculada nos nossos costumes, era considerada uma coisa tão natural, que ninguem cogitava na possibilidade de ser abolida.

As fallas do throno, que eram o *menu* politico, onde havia de tudo para todos os paladares, não tinham ainda se referido á questão servil.

Contra os senhores de escravos, só havia um poder: o Imperador. Mas, este tambem era senhor de escravos; os seus ministros, os seus amigos, a sua côrte, até os empregados subalternos da sua casa, possuiam escravos.

Que interesse, que sentimento, que motivo podia levar o Imperador a travar lucta, e lucta que promettia ser encarniçada, com toda essa gente?

Só um sentimento podia determinar esse acto: — a vaidade.

Felizmente, a mensagem da sociedade franceza fez vibrar essa corda, e com a perspectiva de se ver admirado e louvado pela Europa, como emancipador da raça negra na America do Sul, elle resolveu pôr-se á frente do movimento emancipador no Brazil.

Em resposta á mensagem da «Junta Franceza», o Imperador promettiu que, terminada a guerra do Paraguay, o governo se occuparia da questão. E, como penhor da promessa, inseriu na falla do throno de 1867 o seguinte trecho:

«O elemento servil no Imperio não pôde deixar de merecer opportunamente vossa consideração, provendo-se de modo que, respeitada a propriedade actual, e sem abalo profundo em nossa primeira industria — a Agricultura, — sejam attendidos os altos interesses que se ligam á emancipação.»

Primeira vez que foi levada ao debate politico, a questão servil.

Apezar das cautelas, dos cuidados com que está redigido este trecho, na discussão do voto de graças, o elemento escravista levantou-se formidavel, tomando, por bandeira de combate, a emenda do sr. Gavião Peixoto, concebida nestes termos:

«A Camara dos deputados sente, por considerações politicas eminentemente brazileiras, e que não escapam ao alto criterio de v. m. imperial, que o governo consignasse na falla com que o throno abriu a presente sessão, o grave assumpto do elemento servil».

Da leitura dessa discussão, verifica-

se que só o alto prestigio do Imperador impediu a queda do ministerio que ousou annunciar, opportunamente, estudar a questão.

Nunca mais se fallou nisso até que, terminada a guerra, 1 de março de 1870, o Imperador teve de dar começo ao cumprimento de sua promessa. Em setembro, ordenou ao marquez de S. Vicente de organizar um gabinete emancipador.

O marquez foi o auctor do projecto da libertação dos nascituros, que serviu de base ás longas discussões do Conselho de Estado, em 1867 — cuja maioria, quasi unanimidade, — se declarou contra toda e qualquer tentativa libertadora, salientando-se o marquez de Olinda e o visconde do Rio Branco; sendo que este ultimo foi o que mais temor procurou lançar no animo do Imperador para fazer com que elle recuasse da politica emancipadora que ia ser iniciada.

Mal sabia Rio Branco, então, que essa politica elevaria a sua estatua, como promotor da libertação dos nascituros.

Justiça da historia!

O marquez de S. Vicente, apezar de seus altos dotes intellectuaes, não tinha envergadura para a missão que o Imperador lhe deu, e pediu substituto.

O Imperador mandou chamar Rio Branco do Rio da Prata, e procurou convencer-o que devia entrar para o ministerio, afim de ajudar o marquez.

O visconde, porém, não queria fazer obra para os outros, e recusou obstinadamente. O Imperador, então, encarregou-o de organizar novo gabinete, para realisar o projecto S. Vicente. Assim, foi organizado o gabinete de 7 de março de 1871, que conseguiu a promulgação da lei, em 28 de setembro desse anno, libertando o ventre da mulher escrava.

A politica imperial sempre foi de linhas tortas. A linha recta lhe era monotona.

A logica dos acontecimentos impunha que a presidencia do conselho de ministros, desde que a combinação S. Vicente tinha abortado, fôsse dada a Inhomemim, o grande defensor da idéa no Conselho do Estado, e cujos talentos e valor politico o tinham collocado *no viveiro* dos chefes de gabinete.

Em vez disso, o Imperador foi buscar Rio Branco, inimigo da reforma no Conselho do Estado.

Mas, o Imperador possuia a vara magica das transformações, e operou, felizmente, mais este milagre. Felizmente, porque é fóra de duvida que Rio Branco foi a maior conquista dos emancipadores, pelos seus talentos oratorios. Entretanto, não teria dado conta da tarefa se não fôra a actividade, a energia, o prestigio politico do

ministro do Imperio — conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, a quem estava reservada a gloria de presidir o gabinete abolicionista. A elle é que se deve o triumpho do projecto que foi a lei de 28 de setembro de 1871.

Confesso que, hoje, depois de um estudo desapassionado e calmo, não me parece justificado o enthusiasmo que provocou a promulgação da lei de 28 de setembro.

Basta dizer que essa lei foi a primeira que reconheceu, de modo directo e positivo, a escravidão no Brazil, creando a matricula dos escravos, arrolando-os com o nome, côr e signaes caracteristicos.

Até então, os senhores com difficuldade provavam o direito sobre o escravo, *maximé* quando a maior parte eram africanos, importados depois da lei 1831, e portanto livres, que a matricula da lei reescravisou. Bastava a simples declaração com os signaes caracteristicos para o escravo ser matriculado, creando um titulo de propriedade.

Foi assim largamente aberta a porta ao abuso, que redundou na reescravidão de mais de um milhão de creaturas, não incluindo os que os senhores não podiam confessar a sua procedencia.

A lei ainda gerou uma grande immoralidade: o terror da mulher escrava pela fecundação, pelos máus tratos que recebiam de seus senhores.

Até então, os senhores viam a gravidez dos escravos com a mesma alegria com que viam os seus cafezaes em flôr; mas, depois da lei, o nascituro, em vez de ser um lucro, era um prejuizo, um trambólho, pelo qual o governo promettia uma apolice, depois de creado; mas, os senhores não acreditavam no cumprimento da promessa.

A avidez, a ganancia de dinheiro levou a alguns fazendeiros a impedir, pela castração do macho, a fecundação, para não perder o trabalho do escravo sem o proveito do fructo do ventre.

Os nascituros eram abandonados nas senzalas, sem aleitação, durante um dia inteiro, emquanto as mães estavam no eito. A mortandade desses infelizes foi enorme!

A lei devia ter libertado a mulher escrava; e, então, não seria aurea, como lhe chamam, mas santa, bem dita.

Teve um merito, entretanto: foi um grande abalo na escravidão. O Imperador cumpriu a sua promessa e foi o maior emancipador do Brazil, com os seus dois grandes auxiliares Rio-Branco e João Alfredo.

Ficou encerrado o periodo emancipador; váe começar o abolicionista. Foi nesse momento que surgiu José do Patrocínio.

Feita a liberdade do ventre, foi iniciada a politica de compensação aos

fazendeiros: auxilios á lavoura em dinheiro; estradas de ferro e engenhos centraes com garantia de juros do governo.

O gabinete de 5 de janeiro 1878, sob a presidencia de Sinimbu, convocou um Congresso Agrícola, composto de fazendeiros que, durante as discussões, atacaram ferozmente os emancipadores, começando a reacção escravista.

Surgiu, então, Patrocínio no roda-pé da *Gazeta de Noticias* com o pseudonymo de *Prud'homme*, enfrentando o escravismo, que se levantava com todos os odios, protegido pelo governo, com o nome de «Club da Lavoura», «Centro Commercio e Lavoura».

A principio, os adversarios fingiram não dar por elle; mas, todas as segundas-feiras *Prud'homme* apparecia impeterrito, dizendo umas coisas novas, com umas fulgurações até então desconhecidas, com atrevimento de pensamento, de linguagem, que, em breve, todo o odio negreiro caíu sobre elle.

Desde esse momento, Patrocínio estava lançado.

O seu nome estava em todas as bocas para ser amado ou odiado. Uns atiravam-lhe flôres; outros, pedras.

De então até á morte, foi alvo das maiores glorificações e dos mais cruciantes apôdos.

Muitas vezes, elle defendia-se como o leão encurralado: não respeitava nada; dilacerava tudo que lhe caía nas garras, não media os perigos, não conhecia impecilhos, não distinguia categorias nos inimigos; feria-os em massa, atirava-se á multidão.

Mas, logo apóz a victoria, como o leão generoso, lambia a mão; talvez, o mais feroz no combate.

Não guardava rancor da lucta.

A elle é que nunca perdoaram a injuria da sua superioridade.

Da imprensa passou para a tribuna do comicio popular. Foi o Chrysostomo da redempção da sua raça. A golpes de talento e de audacia, Patrocínio creou uma nova força que veio pezar na politica do paiz. A sua propaganda teve repercussão nas provincias onde os elementos abolicionistas fôram se agremiando tendo á frente os Luiz Gamas, Antonio Bento e outros.

O abolicionismo ficou uma força formidavel; já elegia deputados e derrotava os adversarios.

Então, uns eram abolicionistas para fazer a republica, outros para consolidar a monarchia; exploravam o movimento.

Patrocínio, porém, era abolicionista para libertar a sua raça, para livrar seus irmãos do tronco, do *vira-mundo* do *bacalhau*; não lhe importando qual o partido ou o systema de governo que os devia libertar.

Amava quem o auxiliava na grande obra, como odiava a quem a combatia.

Não conhecia pessoas, conhecia opiniões.

Sacrificou tudo á libertação da sua raça: coherencia, amizade, escrupulos, amor, odio, tudo, tudo.

Poucolhe importava que a libertação dos escravos consolidasse a monarchia ou fizesse a republica.

Os adversarios não o poupavam; o odio negreiro é feroz.

Disseram que elle vivia da propaganda, como se fôsse deshonoroso o sacerdote viver do altar. Chamavam-lhe *papa-peculio*.

No dia 13 de Maio de 1888, quando elle recebia as manifestações delirantes, quando todos queriam abraçalo, no dia da sua apothéose, não sabiam, os que o estreitavam entusiasticamente nos braços, que estavam amarrando, no bolso delle, a contra-fé da penhóra feita na *Cidade do Rio*.

Penhóra que foi resgatada pelo seu amigo e compadre, commendador Manoel José da Fonseca, muito estimado na nossa sociedade pelo seu fino espirito, e que conhece não só as boas lettras, como é familiar com as bellas lettras.

Patrocínio, porém, apesar do seu enorme talento, passaria despercebido se não fôsse encontrar uma causa e um meio proprio para florescer.

Nesse tempo, havia causa e arena.

O athléta podia colher a palma de triumphador, depois de uma lucta livre e leal e com adversarios dignos delle. O que seria de Patrocínio se a abolição da escravidão não estivesse em causa, e se a liberdade de pensamento não tivesse, em todas as suas manifestações, as mais efficazes garantias concedidas pelo Imperio!

Hoje, Patrocínio não faria caminho deante de um publico de paixões grosseiras, que ama o repouso sem grandeza, apaixonado pela mediocridade e servil por cupidez.

Vivemos numa Republica que tem medo da liberdade e só tem confiança na força material, donde surgiu.

O proprio Patrocínio sentiu as caricias da fraternidade republicana. Emquanto a Princeza depunha na testa do filho o beijo que era o penhor da reconciliação da raça libertadora com a libertada, a Republica agarrava o pae pela gólla, como ao mais réles criminoso, e o atirava á voracidade da malária no Alto Amazonas.

Patrocínio é filho da liberdade que gosámos no segundo reinado.

Apesar da virulencia dos seus ataques, da ferocidade dos seus adjectivos, da finura irritante da sua ironia, elle nunca soffreu uma violencia material do governo, uma ameaça da auctoridade policial. Escreveu o que quiz, disse o que bem entendeu e ninguém lhe foi á mão.

Gosou de toda essa liberdade e soube empregar-a em favor de sua causa.

Morreu sem ter um jornal para ser amortalhado.

Em breve, será, como disse o grande Bilac :

«Da immorredoura côr do bronze immorredouro.»

FERREIRA VIANNA.  
(Suetonio)

## SCIENCIA E INDUSTRIA

### A POEIRA

Nesta quadra de reconstrucções, a poeira, que é um dos maiores inimigos do homem, augmentou de intensidade, tornando-se quasi insupportavel nos dias estivaes. Esse inimigo é, todavia, menos perigoso ao ar livre das ruas, que dentro das casas, dos wagons de estrada de ferro, aonde elles conduzem toda a sorte de germens nocivos á saúde.

Nos caminhos de ferro, trata-se de substituir por um processo racional e preservador, o velho systema de bater as almofadas e coxins, provocando nuvens de pó que asphyxiam os passageiros. Entre nós, não são conhecidos os apparatus de vácuo que subtráem as poeiras e as projectam em reservatórios d'agua, apparatus ainda pouco usados por serem caros.

Este inconveniente, porém, será removido desde que se conciliar a hygiene com a economia, como se está fazendo na Allemanha.

Admittida, em principio, a limpeza pelo vácuo, installou-se uma estação volante que póde ser deslocada ao longo das linhas, para tirar a poeira dos wagons, como já se pratica, em Pariz, em muitas casas particulares e nos grandes armazens. A estação volante é collocada deante de cada wagon e o aspirador, conduzido ao longo dos bancos, dos alcochoados, absorve rapidamente toda a poeira. Deliberou-se, recentemente, e com razão, que seria mais logico inverter os termos do processo.— fixar a estação de limpeza e conduzir ao seu alcance o material rodante.

Em consequencia, a administração dos caminhos de ferro allemães, installou, a titulo de ensaio, perto de Berlim, em Grunewald, uma estação fixa de limpeza — *Vacuum Reiniger Unlage*, de construcção rudimentaria.

Sobre um embasamento de tijólos, collocou-se um velho carro fatigado de rolar e, no interior, se accomodou uma bomba de vácuo, muito poderosa, com filtros ordinarios, destinados a apprehender e reter as poeiras. Dessa bomba, partem tubos que chegam aos carros abrigados nas estações das vias proximas.

A bomba é accionada por um motor electrico de quatorze cavallos. Com esse dispositivo, basta um homem para limpar, completamente, um compartimento, em um quarto de hora. Esse trabalho é ligeiro, perfeito, e custa muito menos que a limpeza manual.

Duas companhias inglezas—a *Great Central Railway* e *Midland Railway*—já estabeleceram o mesmo systema em quatro das suas estações.

Não ousamos esperar que esse melhoramento chegue para os nossos beiços, para alliviar dos horrores da poeira os viajantes da Central, cujo progresso se realisa por saltos, com grandes intervallos de inacção, sendo necessario que, de vez em quando, passe por alli um administrador como o dr. Passos, para dar-lhe energico empurrão para a frente, ao passo que os outros consomem dinheiro e tempo precioso nessa coisa terrivel, manhosa e estéril que se denomina *estudos*.

Uma estrada que não tem ainda, na sua estação central, bancos para os passageiros esperarem os trens, não se póde dar ao luxo de se prover de limpadores automaticos de vácuo, que conciliam a hygiene com a economia.

\* \*

### O TEMPO E A RIQUEZA

Os annos de chuva ou de secca exercem grande influencia sobre o regimen economico de um paiz, porque o calor e a humidade são os factores da producção da terra.

Clayton demonstrára que, em certas regiões da America, os annos de secca não são sómente desfavoraveis ás colleitas, ás producções agricolas, mas affectam, tambem, a marcha dos negocios financeiros e politicos. Uma coisa é consequencia da outra.

Arago affirmava que os recursos da bolsa estavam em relação com a meteorologia e, portanto, com as manchas do sol.

Mr. L. W. Dallas publicou, recentemente, um interessante estudo sob o ponto de vista das variações da densidade de população relativa ás variações do tempo na India, de 1891 a 1901, paiz de seccas nefastas para a população. Durante esse periodo de dez annos, os annos de 1892 a 1895 fôram assignalados pela superabundancia de chuvas; 1897 e 1898 fôram normaes, ao passo que 1891, 1895, 1896 e 1899 tiveram o seu total annual inferior ao normal.

Comparando o resultado dos dados obtidos, mr. Dallas chega a concluir que, dos periodos de defficiencia da agua, corresponde uma diminuição da população ou, pelo menos, uma parada na marcha ascendente da densidade. As provincias onde se verificam as mais fortes descrescencias são, precisa-

mente, as que, na epocha correspondente, a falta d'agua foi, realmente, mais accentuada.

Nessas condições, a proposição de mr. Dallas nada tem de excessiva, porque a raridade das chuvas é desfavoravel á agricultura, de que depende todo o regimen economico da India, provocando a falta d'agua inevitaveis e profundas perturbações nos meios de existencia da população.

Conforme Quetelet, os annos de crise economica se distinguem dos demais por uma diminuição notavel do numero de casamentos e nascimentos.

Nos outros paizes, os phenomenos são demasiado complexos para se poder achar a lei, tão simples, entre a chuva o bom tempo e a população.

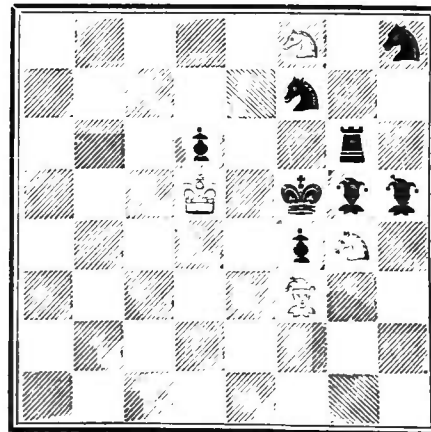
No Brazil, o caso, observado nas regiões assoladas pelas seccas periodicas dá surprehendentes e curiosos resultados. A reproducção humana não esmorece sob o açoite da secca, com o seu cortejo de fome, peste e miserias. E' verdadeiramente assombroso o numero de creanças que, nesses periodos tremendos, morrem de molestias ou dos revezes e incommodos do exodo; mas, é muito mais assombrosa a fecundidade das mulheres logo que as condições meteorologicas se normalizam: são muito vulgares, nessas epochas, nos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba, os nascimentos duplos ou triplos, a espantosa producção humana, como si a natureza provida se empenhasse, com todas as suas energias, em resarcir os prejuizos anteriores, os claros, os vastos espaços abertos, pela morte, pela emigração, nas massas da população.

E isso, que se observa nos rebanhos humanos, se verifica, igualmente, nos rebanhos de animaes; em ambos, uma prodigiosa capacidade de reproducção.

## DIVERSÕES

Problema n. 18

PRETAS



BRANCAS

As brancas jogam, e dão mate em dois lances.

## O OLHAR DAS TISICAS

O merencóreo olhar das tísicas sugere  
Mudas desolações de ruínas desprezadas  
Entre lagôas, onde a nostalgia impere,  
E filas spectraes de arvores desfolhadas.

A alma de quem o sonda amavel, transporta  
— Cheio da casta luz de horas crepusculares —  
Ao dolente esplendor de uma paisagem morta,  
Na tristeza glacial das regiões polares.

Olhar que affaga e dóe ! Luz com alma, caída  
Do alto, na ossuda face — outróra rósea e forte,  
Brilha como o pharol moribundo da vida  
Em meio á escuridão progressiva da morte.

Quanto o labio não diz e a doce enferma pensa,  
Quanto o labio não diz e o coração padece,  
Em seus frios clarões o pobre olhar condensa,  
Conta toda essa dôr, si a olhar amigo desce.

Ás plangencias do mar, quando o dia declina,  
Humedece-o de pranto a maior anciedade,  
— De seus raios na rêde, envôltas em neblina,  
Balouçam-se as visões do amor e da saudade.

E o amor — a força, o sol do coração — empresta  
A' sua placidez de espelho funerario,  
A mesma irradiação que, em tempo, á luz da festa,  
Fêl-o, vivo, chispar com fulgor incendiario.

Saudade do passado ! Acompanhar a espira  
De um sonho, e reviver na longinqua paisagem  
De outróra, e ser feliz de novo... e o sonho expira  
Breve, que alguém nos chama... e esbate-se a miragem...

Saudade do futuro ! Ancia e melancolia  
De quem imaginou, dos máus, no ermo, esquecido,  
O palacio da vida entre o sonho e a alegria,  
E sente-o desabar... antes de havel-o erguido.

O triste olhar, mirando o astro rei quando nasce,  
Ferido pela côr opulenta do azul,  
Espalha um resplendor de luar na fina face  
Donde a ancia de existir tornou o riso exúl.

Olha o cançado olhar, encerra na tristeza  
Da retina offuscada a paisagem florida ;  
Sente vibrar, em róda, a excelsa Natureza  
Em manifestações uberrimas de vida !

E a vida que lhe foge exsurge em tudo ! Aos troncos  
Que o hynverno desfolhou veste de novo ; suaves  
Tintas dá á flôr ; do mar ruge nos uivos broncos ;  
Referve á luz solar ; canta na vóz das aves !

E elle váe apagar-se em breve ! E nunca mais,  
E nada mais verá ! Váe cobril-o o atro véo  
Da morte ! O campo verde, o bosque, os animaes,  
Não mais verá ! Nem mar ! nem campinas ! nem céu !

E est'alma, se interroga, est'alma que me anima,  
Rolará despenhada ao abysmo onde cáio ?  
Morrerá com o corpo amado que se última,  
Do meu clarão final ao derradeiro raio ?

A terra, que a formou ; talvez, hade tomal-a  
Para a força engrossar, que guarda nas entranhas ;  
O vento hade, talvez, nos ares desdobral-a,  
Como um trapo de paz, entre o azul e as montanhas...

O canto será d'ave, ou a seiva da héra,  
Ou o brilho da vaga ; e, serena ou convulsa,  
Resurgirá bem cedo em homem, tronco ou féra :  
Em toda a Fórma, unindo as vidas, a Alma pulsa.

Será estrella, talvez. Hade, eterna, brilhar,  
E, eterna, soffrerá — sem um ai, sem um grito,  
Erma, longinqua e só, sem lutar, sem amar —  
A tristeza do vácuo, o tédio do infinito !

LEAL DE SOUZA

## PRELUDIO

Filha das margens do Norte,  
Das frias margens batidas  
Pela rajada mais forte  
Das tormentas desabridas !

Filha de nautas audazes  
E humildes — filha de nautas,  
Que trazes á bôcca, e trazes  
Nos olhos ancias incautas ;

Anjo e demonio ; alvorada  
E noite ; aroma e veneno ;  
Aza roçando estagnada,  
Pútrida vasa de ceno,

Para cantar-te o sentido  
Affecto que em mim se acórda,  
Falta-me ao verso um gemido,  
Falta-me á lyra uma córda !

RAYMUNDO MONTEIRO

## SONETO ROMANTICO

E' puro romantismo (e eu mereço piedade...)  
Amar-te como te amo, ignorado (ou esquecido),  
Amar-te com este amor que illusiona, no olvido,  
A esperança final da minha mocidade.

Toda vida minha alma inconsolavel ha de,  
Qual passaro que váe tonteando, mal ferido,  
Fugir ante o clarão fascinador, partido  
Desse olhar, mixto cruel de ironia e bondade...

Mas um dia, talvez, numa hora extrema e louca,  
Meu amor fallará ! — e ouvirei de tua bôcca  
A palavra que mata e o riso que endoidece !

E sentirei brotar na minha alma angustiada  
A floração de amor e de odio, alli guardada,  
Como planta letal que numa estufa cresce...

LEOPOLDO BRIGIDO

## O LIVRO DO PADRE SEVERIANO

(CARTA AO SR. WALFRIDO RIBEIRO)

Não andei mal classificando o revd. Severiano de Rezende de «terrível fundibulario da palavra».

Si ao seu temperamento os habitos sacerdotaes puzéssem peias, teriamos um polemista valente de menos e um auctor de homilias de mais.

Ora, eu estou perfeitamente de acôrdo com Remy de Gourmont, critico de que aliás divirjo em outros pontos, quando affirma que o estylo é uma «especialisação da sensibilidade».

E' vulgar dizer-se: aquelle escriptor agrada-me porque sabe pôr toda a sua alma no que escreve. Isto significa que não ha prosador, em quanto escravidado aos livros, que lê; pois os auctores predilectos devem servir, tão sómente, de trapezios, em que o aprendiz de estylo procure exercitar os biceps do espirito. Uma vez, porém, adquiridos os habitos de pensar e de dizer, não ha mais razão para que ande elle a esgaravatar a memoria, á cata de imagens ou de phrases alheias, com as quaes exprima as suas sensações proprias.

O auctor do livro *Eduardo Prado* não illude a quem quer que folheie as paginas desse seu trabalho. Desde as primeiras linhas, reconhecerá que se trata de um moço, para o qual o sacerdocio constitúe um accidente; porque o que mais lhe interessa é a arte de dizer, junto ao exercicio da faculdade da imaginação e á cultura do que existe de mais estranho na vida social: a curiosidade das fórmulas.

Com certeza, o padre Severiano frequentou, no seminario, as *Confissões de Santo Agostinho*. Mas, não menos certo parece que a vida mystica e as praticas asceticas não o attráem sinão como aspectos poeticos da religião.

Seu espirito curioso vê-se, a todo instante, seduzido pelas correntes mais irritantes do seculo, pelos progressos das grandes cidades, onde fulgura a belleza sob as suas fórmulas mais irisadas; mas, tambem, o genio do pessimismo ousa cochichar-lhe ao ouvido que existe alguma coisa de imponente em ascender á tribuna sagrada ou ao pulpito da imprensa religiosa para, á imitação de Lacordaire, de Ventura de Raulica, de Monsabré, de Montalembert, de Donoso Cortes, padres, uns, publicistas, outros, tropejar contra as iniquidades da civilisação, contra as abominações do paganismo actual, contra os desvios do gosto christão, pervertido pela falsa piedade.

Para esse effeito, cuidou eu, — e o digo sem lisonja, — que o auctor do livro *Eduardo Prado* encontra em si massa plasmavel e docil aos intuitos propheticos da religiosa modernidade.

Propheticos, disse eu, e não o fiz sem intenção, convencido, como estou, de que, si o revd. Severiano estudar Ezechiel, o qual, segundo ensina Ed. Reuss, foi, de todos os agitadores da Judéa, o que menos se afastou do character sacerdotal, encontrará na correspondente litteratura inspirações tremendas contra os poderosos, que pervertem a terra, «á semelhança daquelles homens-reptis, que têm as costas voltadas para o templo do Senhor e as caras viradas para o oriente em adoração ao sol nascente». (Ezech. VIII, 16.)

Então, poderá o auctor do livro, de que me occupo, sair a campo com aquelles terriveis, ao mesmo tempo deslumbrantes cherubins, que o propheta fazir desfechar olhares flamejantes sobre os abominaveis peccados de Judá.

O revd. Severiano, nesta passagem, está, segundo vejo, em perfeita conformidade de idéas com o intolerante Frederico de S. A democracia, principalmente a das republicas sul-americanas, na sua opinião, não se acha muito longe de transformar-se na besta do Apocalypse. Não serei eu quem lhe negue o direito, aliás legitimo, de combater-a com todas as forças de sua alma, *sediciosamente*, como o faziam, em Judá, os Ezechieis, os Malaquias, os Danieis.

De outra maneira, o auctor não teria estylo. Ou o seu estylo converter-se-ia no estylo da maioria dos escriptores ecclesiasticos, — estylo de agua benta, em que se sente o perfume das essencias sacras estragado pelas secreções cutaneas deixadas pelos dedos das devotas na pia presbyterial; ou o escriptor do livro ver-se-ia obrigado a despir as vestes sacerdotaes para, livremente, diffamar a Esposa de Christo, como fez o padre Chiniquy.

Ha ainda um recurso, que não aconselharia ao espirito, já demasiadamente carregado de paradoxos, do padre Severiano de Rezende. Refrome a esse socialismo christão, de que Leão XIII andou esboçando os primeiros lineamentos.

Si para lá o visse uma vez inclinado, então eu lhe indicaria a leitura da obra de Nietzsche, na parte que se occupa, por exclusão, do christianismo e da sua influencia sobre a sociedade moderna, como doutrina egualitaria e demotica, ao par da democracia, demolindo tudo quanto entende com os instinctos do homem para a grandeza, para a nobreza, para o cavalheirismo da «superhumanidade». Está visto que a sua attenção se voltaria a Nietzsche, para combater-o.

Nietzsche trancou Daniel e Ezechiel, cujos livros estudou de mais. Ao auctor do estudo *Eduardo Prado*, não seria difficil supprir as lacunas do

*Assim fallou Zarathustra*, pondo como eixo da evolução do homem reptil para o homem forte das Escripturas, o espirito daquelle Javeh, que aterrou Moisés fallando-lhe de dentro da sarça ardente, e plantou-lhe depois na fronte os projectores luminosos, que Miguel Angelo converteu em chavelhos da sabedoria; porque, para a Renascença, nenhuma differença haveria entre a grandeza intellectual do legislador do Sinai e esse Pan, cuja morte o navegador do Mediterraneo, fantastico como verdade historica, ouvira proclamar, através dos ventos, pela voz mysteriosa do espirito novo que se levantava no Occidente.

Bem se vê que o padre Severiano, nesse itinerario, que é o proprio da sua aspiração congenita, não terá lazeres para demorar-se em meditações aos pés dos santos de sua particular devoção.

Não lhe assentam nos labios os canticos femeninos do culto de Maria; nem é provavel que o tenham encontrado pedindo o soccorro para todos os fracos: *Juva pusi Manimes! Refove febiles!*

Para outros temperamentos, desceram dos céos as doçuras daquelle «oração do quarto gráu», que santa Thereza descreve em suas *Memorias*, com enthusiasmo nunca visto, e que a penetraram de uma sêde de Deus inextinguivel. O amor seraphico, cujos dardos queimam e, ao mesmo tempo, cauterisam as feridas deliciosas, que vão abrindo, fez-se para as naturezas de angelitude, e que, como as de S. Francisco de Assis e daquelle santa extraordinaria, nunca peccaram, *sed nupciale gratia vestem in baptismo susceptam fidelissime custodisse creditur*.

A sua combatividade humana, portanto, só lhe permite discutir com homens. Não lhe cabe, á maneira daquelles seraphins, entreter polemicas com o diabo; e, si este lhe apparecesse, estou bem certo que, como Luther, atirar-lhe-ia com o tinteiro á cara.

Não posso, pois, concordar com os criticos que acham a funcção do polemista incompativel com a mansidão do typo do evangelista.

Numa epocha de confusão de sentimentos, em que muitos cidadãos catholicos são incapazes de distinguir uma libra esterlina de uma hostia, é natural que sacerdotes, menos pacientes, se exaltem e, tomados de indignação, não poupem, como em seu tempo não poupavam os prophetas, «os salamistrões da sciencia», e verberem, com o estylo-espada de S. Miguel, os falsos devotos da credulidade «rabejante e servil», equiparavel á do «trogodita baboso deantê do manitú fascinante.»

Longa já váe esta carta. Devo terminal-a. Antes, porém, de pôr-lhe o

fêcho, consinta o meu amigo Walfrido que accrescente ainda duas palavras sobre a linguagem, propriamente dita, usada pelo revd. Severiano de Rezende, no seu livro. *Ne confunditur*. Quando me refiro á linguagem, afasto, um pouco, a questão de estylo, o qual, como, ha cem annos, dizia Buffon, prende-se ao movimento da alma, e, como muito bem lembrou o citado Remy de Gourmont, é uma especialisação da sensibilidade.

Não trato disto agóra; mas, da estatica do discurso, isto é, dos seus elementos somaticos.

O escriptor, para traduzir o seu pensamento, não se serve unicamente dos impulsos de sua alma original. Elle precisa de um instrumento, e esse instrumento, que é a linguagem da região onde recebeu a vida, possúe modalidades geraes, em que está impressa a alma do povo ou dos habitantes dessa região. Desconhecendo importa o mesmo que ser cego ou surdo-mudo. O pretendente a escriptor, si a não aprender, não disporá do unico vehiculo capaz de estabelecer communicação perfeita entre o seu espirito e o da collectividade.

De semelhante factio, resulta uma conclusão, e é que o escriptor, que não se utiliza da linguagem viva do seu tempo, será um máu escriptor, ou, pelo menos, um escriptor incompleto.

Estas palavras vão com vista aos archaisantes.

Não póde, portanto, haver maior absurdo do que buscar as fórmulas syntacticas da lingua, em que escreviam, por exemplo, os Quinhentistas. Esses homens não podiam pensar como nós hoje pensamos. O periodo dos seus discursos resentia-se, assim, de uma construcção, que era muito propria das hesitações, perluxidades e credices de sua alma atrasada. Dahi, uma rigidez de phrase e um encadementio systematico de palavras, de trópos, de imagens, que, na actualidade, quando a vibração do espirito insoffrido do homem necessita mais da suggestão, do que da explicação, tornam-se grilheta, perturbam os haustos do escriptor moderno, si é que não o esterilizam na contemplação das origens da linguagem, á guiza desses calligraphos, que gastam a maior parte do tempo em preparar a penna de ganso, com que hão de lançar no papel as lettras iniciaes das illuminuras.

Longe de mim a idéa de desprezar as fontes do passado. Mas, os processos de estudo daquelle instrumento não devem ultrapassar certos limites. A syntaxe de Ruy de Pina, ainda a de frei Luiz de Souza difficilmente se accommodarão ao tumulto do phrasear moderno.

Não direi o mesmo do vocabulo ar-

chaico restaurado, quando suppre deficiencias do vocabulario actual. Todavia, parece-me indispensavel que tal restituição se faça com as que ainda podem ter vida por contagio dos seus irmãos mais moços.

« A palavra, diz Darmesteter (*La vie des mots*, pag. 37) é a serva da idéa; sem idéas, não ha vocabulos; e não passarão estes de um vão aggregado de sons. Da mesma maneira, a idéa póde existir sem palavra; apenas, ella permanece no espirito, em estado subjectivo, deixando, por este modo, de fazer parte da linguagem.

Ora, é exactamente o que se dá com o vocabulo archaico, desde que elle não recebe do ambiente da phrase, por contagio, um fulgor de novidade.

E' triste, realmente, que um leitor de mediana instrucção tenha de recorrer, a cada instante, ao dictionario, ás vezes a Bluteau e a Santa Rosa de Viterbo, para decifrar o pensamento, que nos offerece o estylista, em phrase roncadora, altisonante, quando nada, sybilina.

E direi mais que não se observa esse phenomeno sómente em archaisantes, mas tambem em brasileiros, muito acostumados aos portuguezes de hoje. Em alguns destes, tenho surpreendido o uso de vocabulos, que, por uma lei muito conhecida em linguistica, perderam a accepção primitiva no Brazil, e que, uma vez utilizados, com esse primitivo significado, perturbam o espirito do leitor de um modo inexoravel.

Por exemplo: chamar, num romance sertanejo, de «cachopa» a uma moça roceira; dizer que seu Manéco de Meia Ponte comprou um magnifico «casal»; contar uma historia passada na «quinta» do Juca Tropeiro; ostentar outras manigancias deste padrão é truncar o pictoresco nacional, errando contra as leis mais sagradas da expressão vernacula.

Estas ponderações querem apenas dizer que, na linguagem utilizada pelo auctor da polemica sobre Eduardo Prado, notei uma ligeira tendencia para estes desvios. Ha, nas suas paginas, estratificações do padre Antonio Vieira, de Herculano, de Camillo Castello Branco, de Ruy Barbosa. Creio que não lhe fizeram mal; o primeiro, principalmente, constitúe um manancial inexgotavel de antitheses e construcções paradoxaes, tão vivas ainda hoje, que não se estranha pretendesse o Santo Officio mettel-o em caroxa e sanbenito.

E' preciso, porém, que o revd. Severiano não se afoite a enamorar-se da syntaxe rabuda, de manto longo, que foi a mania dos antigos, porque quasi todos escreviam como si pregassem do pulpito da igreja, com a regra de Quintiliano debaixo da lingua, e os olhos postos na distribuição do dis-

curso pelos quatro cantos da nave do templo.

E, todavia, penso ser o conselho inutil, porque o auctor do livro, que analyso, é bastante ardente, tem sufficiente folego de polemista, para que se não atenha a archaismos; maximé porque os escriptores da sua tempera precisam, antes de tudo, de ser claros; clangorosos, rutilantes, brandindo o estylo como o cavalleiro brande a lança, de frente, sem circumloquios, afundando-a até o conto.

Do confrade em lettas e amigo

ARARIPE JUNIOR.

Rio, fevereiro de 1905.

(Conclusão)

## CARNAVAL

Tenho um camarada de uma penetração exquisita. Não ha nada, neste mundo, que elle não resolva, e nunca espocou invenção ou guerra alguma na terra a que elle não dêsse uma causa.

Tem a mania da predição. Prophe-tisa chuvas, não pelas dôres de callo como toda a gente, mas por uns certos grunhidos de um cachorrinho de estima. Prediz revoluções, borrascas politicas, desastres de familias, de povos, de raças e fiascos, brilharétos, quedas; tudo e tudo, sem botar as cartas.

Encontrei-o, ha poucos dias.

— Que tal o Carnaval? perguntei.

— Máu, irá ser máu! Muito frio.

— Póde ainda tornar-se bom.

— Impossivel. A molestia está seguindo fatalmente a marcha. Não ha mais remedio que atalhe.

— Predizes?

— Não; observo. O Carnaval tem as suas medidas, como a athmosfera tem os seus barometros. Para mim, o barometro do Carnaval são as creanças. Espanta-te?! Pois, a pura verdade. Tenho reparado nisto, durante annos, com uma precisão admiravel. O Carnaval quando tem de ser de estrondo, muito cedo, um mez antes, as creanças dão o signal. Ficam todas affoitas, inquietas, e quando estão, em grupo, brincando na rua ou no jardim, formam cordões, cantando, o dia inteiro, o muito carioca *abram alas que eu quero passar*. Ouve-se, de canto a canto da cidade, a toda hora, em toda casa onde existe um pirralho, o *abram alas cacete*. Este anno, não; ainda não onvi, com palavra de honra que não ouvi. Váe ser um Carnaval chôcho. Verás.

Apezar da observação do meu camarada, houve no domingo (para que se ha de dizer que não houve?) uns reboliços barulhentos de Carnaval que vem perto.

De manhã, de tarde e de noite, grupos passaram a pé e a carro nuns atrevidos diabolicos de zabumbas, numa

estridencia de bandeiras, de guizos e de gritos. Houve até carros com alegorias. O club dos *Prodigos* deu-nos dois e atirou ás ruas uma passeiata alacre, onde havia muito guincho de cornetas, muito repinicado de violão e o eterno *Zé Pereira*. Os *Fenianos* fôram também á rua; desceram a do Ouvidor a pé, debaixo de umas sombrinhas multicôres, aclarados com fogos de bengala, e, ao som do *abram alas*, lá seguiram de jornal em jornal, cumprimentando a imprensa.

Os *Políticos* saíram também: muitos pandeiros, muita mulher, muita alegria e bôa cauda de carros formando o prestito.

Tarde da noite, foi aquillo que se viu. Uns bailes de estrondo, feéricamente carnavalescos, carnavalescamente infernaes. Fantasias exquisitas, *pierrots*, dominós mysteriosos, saloias de vestidos de setins, palhaços de fôfas e áz de copas na roupa.

Sabbado, nos *Fenianos*, dois actores dos nossos theatros entraram vestidos á moda gallega, numa estrondante gargalhada de quem já estava lá.

Nos *Democraticos*, um *bambino* angelicalmente loiro, com uns cabellos fartamente bonitos, andou a fazer a sedução da noite.

Em todos os clubs, os bailes de sabbado tiveram mais vida que os de domingo. Era natural; o cansaço abafava, quasi sempre, o enthusiasmo. Mas, assim mesmo, foi um bom domingo. De ponta a ponta da cidade, o *Zé Pereira* estrugiu, desde as sociedades mais altas onde a macêta dos bombos é brandida pelos capitalistas mais ricos, até ao *cordãozinho* de estandarte pobre, onde o capanga, que não embarcou para o Acre, o dia inteiro atrôa pelo bairro.

Houve muita gente pelas ruas; á porta dos clubs, o povo se apinhou a ouvir os zabumbados lá de dentro.

Nos *Democraticos*, nos *Políticos*, nos *Paladinos da Cidade Nova*, a festa teve as fulgurações da epocha. Dos *Fenianos*, só de lá saímos pela manhã. E mesmo quem pôde sair daquella casa sem que esteja tudo acabado?! Aquella casa..

ZÉ PEREIRA.

### Projecto de Reforma Monetária no Brazil

*O verdadeiro papel de um banco emissor*

Mesmo nos paizes possuidores de enormes reservas de ouro, como a França, os Estados Unidos, a Inglaterra e a Allemanha, a funcção da moéda metallica, nas transacções interiores e exteriores, é, relativamente, insignificante; calculou-se que a mo-

éda fiduciaria entrava em mais de 90 % no movimento effectuado pelos bancos e estabelecimentos de credito daquelles paizes, e que o movimento do numerario ouro, na importação e exportação, representava menos de 10 % em relação ao seu commercio exterior.

Si occorre alguma circumstancia fortuita — nas colheitas, compras exageradas de artigos estrangeiros, despesas de guerra e outras, que obrigam inopinadamente, um paiz rico em numerario a enviar aos seus visinhos quantias, muita vez superiores ao stock de ouro dos seus estabelecimentos de credito, começa, então o papel tutellar do banco de emissão, que comprehende e cumpre o seu dever.

Desde que a alta do cambio lhe revela que o paiz é, momentaneamente, devedor ao estrangeiro, o banco estuda as causas do phenomeno; e, si verifica não ser um accidente passageiro, trava a alta por meio de fornecimentos opportunos de ouro de sua caixa ou de suas reservas, ao mercado interior. Si sua caixa está muito reduzida, elle apura uma parte de sua carteira ou reserva de titulos; augmenta a taxa do seu desconto e adiantamentos e, assim, diminúe o volume da circulação fiduciaria, augmentando as suas reservas de ouro. Os movimentos metallicos do Banco de França e do Banco da Inglaterra, publicados, semanalmente, demonstram a frequencia dessas operações e os seus, em geral, excellentes resultados.

Procedendo dessa fórma, o banco de emissão corta o mal pela raiz, porque, erguendo, energicamente, a taxa da renda do capital no interior do paiz, provoca a entrada dos capitaes nacionaes disponiveis na circulação; impelle os capitalistas indigenas, possuidores de valores no estrangeiro, a realisal-os para empregal-os no paiz, e incita, igualmente, os capitalistas estrangeiros a introduzirem os seus para obterem renda mais vantajosa. O augmento da taxa do desconto e dos adiantamentos sobre titulos, no interior, diminúe as novas exigencias de credito e, consequentemente, o volume da circulação fiduciaria; mas, augmenta, por isso mesmo, o valor intrinseco da circulação e a sua força de resistencia á deprecição exterior.

Sob a influencia dessas duas ordens de medidas — augmento das disponibilidades effectivas e diminuição do volume da circulação fiduciaria — renasce a confiança; a crise se attenúa; desaparecem as causas que a provocaram, e o paiz readquire a situação economica normal e o seu equilibrio exterior, sem ter perdido muito do seu numerario ouro, sem ter arriscado o valor intrinseco da sua circulação monetária.

Creando o novo banco de emissão da

União, o governo federal deverá inspirar-se nesses sabios principios para lhe impôr estatutos sociaes e uma fiscalisação effectiva, que o obriguem a permanecer, sempre, e apezar de tudo, nas funcções reguladoras da circulação monetária, base fundamental do credito publico.

Dois exemplos recentes demonstrarão a precisão dessas observações.

Em fevereiro de 1901, escrevemos um estudo do problema do cambio na Hespanha, do qual destacamos o seguinte trecho:

«Nos paizes que téem ouro na circulação monetária interior e onde os bancos de emissão vigiam com cuidado as fluctuações do cambio, como a França, a Inglaterra, a Allemanha, a Hollanda, a Belgica, as fluctuações do cambio são sempre muito limitadas, porque, quando por uma causa qualquer, o curso do cambio excede o que se chama o *gold point* de saída, os devedores pôdem saldar os seus credits no estrangeiro com o ouro obtido da circulação livre, mediante um ligeiro ágio, ou cedido pelos bancos de emissão em condições modicas.

Aqui temos um exemplo: Quando, por uma causa qualquer, o chèque sobre Londres sóbe, em Pariz, a 25 fr. 36 por uma libra esterlina, cujo par é 25 fr 29, é attingido o *gold point* de saída do ouro francez para a Inglaterra. Isto quer dizer que, acima desse curso, os francezes tendo pagamentos a realisar na Inglaterra ou no estrangeiro, téem interesse em não comprar saques, fazendo remessas directas do loiro metal para Londres, exportando para ahi as moédas e ouro em barra, que puderem obter, pela circulação, pelo Banco de França, pelas sociedades de credito ou pelos cambistas, comtanto que esse ouro não exceda o ágio de 4 por 1.000 francos.

A intervenção opportuna do Banco de França, mais que as reservas de ouro da livre circulação franceza, obriga, de algum modo, os bancos particulares, dedicados ao commercio do cambio, a não especularem com a baixa ou com a alta dos valores e moédas estrangeiras, que compram e vendem, e a realisal-os, o mais rapidamente possivel, com o unico beneficio da commissão usual, porque sabem, por experiencia, que aquella intervenção é, geralmente, decisiva. A fiscalisação efficaz do Banco de emissão impede, portanto, o monopolio do cambio ou do ouro em França, e o mercado deste paiz conserva a plena disposição de todos os seus recursos de pagamento no exterior.

Supponhamos, ao contrario, e é o caso da Hespanha, que um paiz, cuja circulação monetária estiver já empobrecida e depreciada por cinco ou seis annos de má administração finan-

ceira, tenha a desventura de possuir um banco de emissão que desconheça a sua função, desinteressando-se, completamente, da questão cambial, e que, em vez de fiscalisá-la ou, pelo menos, regular-lhe as flutuações por meio das operações normaes indicadas, esse banco, com o fim de tirar proveito para os seus accionistas, compre com a moéda nacional, que elle pôde fabricar á vontade, os saques, títulos e moédas estrangeiros que concorrem, naturalmente, ao paiz: o resultado será o que se observou na Hespanha desde 1892, uma successão de factos muito naturaes, que levantaram artificialmente o preço do cambio e o valor das proprias compras effectuadas pelo banco, cuja acção directa sobre o ágio do ouro, será tanto mais energica, no sentido da alta, quanto terão como consequencia: 1º, um augmento do volume da sua circulação fiduciaria, ou da moéda nacional; 2º, uma rarefacção do cambio estrangeiro.

Comprando cambio para lucrar, o banco não o cederá abaixo do preço da compra; será, portanto, vendedor acima desse preço, e, até encontrar compradores que se submettam ás suas condições, immobilizará o cambio na sua caixa, porque apenas lhe custou o trabalho de fabricar mais algumas notas de banco.

As casas e os bancos particulares do paiz, occupados, habitualmente, no commercio cambial, ficarão, evidentemente, em peor situação, que o banco de emissão, para conservarem cambio immobilizado em suas caixas, porque os capitaes destinados a esse commercio não obterão rendimento durante esse lapso de tempo; mas, conhecendo as praticas do banco de emissão e sabendo que elle, longe de intervir para melhorar o cambio, tem, ao contrario, interesse na alta, os cambistas particulares não se apressarão, esperando para venderem a sua mercadoria que ella attinja a preços vantajosos.

Produzir-se-á, assim, pela força das coisas, sem accôrdo prévio entre o banco de emissão e os cambistas, um verdadeiro atravessamento do cambio, que collocará os consumidores dessa mercadoria especial na contingencia de se subordinarem aos seus detentores: dahi, uma elevação artificial e, de algum modo, automatica do preço do cambio, ou uma depreciação anormal e exagerada do valor *exterior* da unidade monetária nacional, embóra as receitas exteriores do paiz, no conjunto, estejam em equilibrio com as despesas no estrangeiro.»

A situação não se modificou, sensivelmente, na Hespanha, desde o mez de fevereiro de 1901, porque o ágio do ouro ahí era, então, de 37.35 %, a mesma taxa que verificamos no fim de outubro de 1904, após oscillações que

fizeram esse ágio variar entre 31 e 40 %.

\* \* \*

Pelo contrario, a questão mudou de aspecto, no Brazil, desde o fim de 1900, não porque o cambio tenha chegado a taxas mais elevadas que as anteriores a essa epocha; — visto ter, no mez de julho de 1900, sob a influencia de uma causa anormal, chegado á cotação de 14 d. 1/4, mas pela razão da estabilidade relativa, que pôde realizar.

Em 1900, o curso extremo fôra 14 1/4 e 7 1/32, uma differença maior de 50 % em relação ao curso mais elevado. Em 1901, o curso extremo se estabeleceu em 13 1/2 e 9 23/32, não sendo a differença mais de cêrcade 28 %. Em 1902: curso extremo de 12 19/32 e 11 1/4; differença—10.6 %. Em 1903: curso extremo — 12 19/32 e 11 21/32; differença—7.4 %. Em 1904, as oscillações se mantêm nesse fraco desvio.

Qual a causa dessa regularisação progressiva do cambio brasileiro na taxa, mais ou menos, de 12 d. ? Foi, incontestavelmente, a intervenção oportuna do Banco da Republica, que, conforme o relatório do dr. Leopoldo de Bulhões, comprou e vendeu, entre 5 de novembro de 1900 e 31 de junho de 1904, letras de cambio no valôr de 30.676.000 lib. est.

Isto representa, apenas, 697.181 lib. est., na média, por mez, ou 17 1/2 milhões de francos, evidentemente pouco, si se notar que, além dos movimentos de fundos estrangeiros, alheios á estatística, o commercio exterior brasileiro, exportação e importação reunidas, lhes excéde 62 milhões de lib. est. por anno. E' pouco, mas foi sufficiente para obstar as manobras da especulação cambista, no sentido da alta ou da baixa, porque a intervenção do Banco da Republica, no mercado do cambio, sendo, publicamente, conhecida, todos os cambistas brasileiros, sabendo ser perigoso se empenharem na alta ou na baixa, perderam o habito de especular no negocio, restringindo-se a comprar cambio quando, realmente, necessitavam, e a venderem valores estrangeiros sómente quando os tinham á sua disposição.

E' isto o que se passa na pratica em todos os paizes, onde os bancos de emissão cumprem o seu dever de reguladores da circulação monetária nacional, e isto se deu, notadamente, na Austria-Hungria e na Russia, quando estas quizeram preparar a sua reforma monetária: fôram as compras e vendas de cambio, feitas pelo Banco d'Austria-Hungria e pelo Banco Imperial Russo, que regularam, progressivamente, encerrando-o em dois limites extremos, o curso do florim-papel e do rublo-credito.

Assim, no dia em que o Brazil tivér

um banco emissor, puro em todos os elementos, perfeitamente constituido e dispondo de capitaes importantes, não haverá duvida que o curso do cambio e, com elle, o valor exterior da nova unidade monetária brasileira, conservarão uma estabilidade quasi absoluta com grande vantagem para os verdadeiros interesses nacionaes.

## VII

### *O que é preciso evitar*

O Banco da Hespanha saú da sua função de banco emissor e não se interessou absolutamente pelo cambio hespanhol, pelo valor exterior da unidade monetária nacional, desde que o governo começou a contractar com elle empréstimos a juro. Empréstimo ao Thezouro milhões de notas que lhe custavam, apenas, o trabalho da fabricação e, recebendo em caução títulos do thezouro, da Renda perpetua ou da Renda amortisavel, dando 5 ou 4 % de juro, o banco realisava um excellent negocio para os seus accionistas e parecia prestar um importante serviço ao Estado, que não poderia, em melhores condições, fazer empréstimos no interior ou no estrangeiro. Mas, a verdade é que, abrindo a sua caixa ao Estado, compromettia, seriamente, os interesses do paiz: 1º, facilitando a política de delapidação, de expedientes financeiros que, tão facilmente, augmentaram a dívida publica; 2º, provocando a crise monetária que começou em 1891 e se accentuou na proporção do desenvolvimento da circulação fiduciaria.

Na hora actual, apesar dos pagamentos effectuados pelo thezouro, desde a grande liquidação de 1899, a circulação do Banco da Hespanha é ainda de 1.642 milhões de peséttas, e desta somma 468 milhões, apenas, representam títulos de commercio, contas de credito e adeantamentos sob caução; o resto corresponde ás letras do thezouro, títulos da dívida hespanhola e um adeantamento gratuito ao Estado de 150 milhões, feito em virtude da lei de 14 de junho de 1891.

Quasi trez quartos das notas do Banco da Hespanha fôram emittidas para occorrer necessidades absolutamente estranhas á procura da industria e do commercio indigenas: entraram, brutalmente, na circulação publica para saldar despesas do thezouro e, por isso, a inflação monetária e a crise cambial de que a Hespanha não se pôde ainda libertar.

O governo federal, portanto, estabelecendo o seu padrão monetario e creando o seu novo banco de emissão, deverá, não sómente prohibir do modo mais peremptorio, toda a sorte de empréstimo ao mesmo e obrigar-o á stricta observação dos estatutos.

EDMOND THÉRY.

(Continúa)